

## O imaginário da corporeidade e a digressão: aspectos da cultura latente da EEPSG João Pedro Ferraz/Ibirá (SP) num grupo de alunos do colegial.

**José Carlos de Paula Carvalho\***

*Para os alunos que tão generosamente trabalharam comigo.  
Às termas e ao povo daí por tudo que há tempo devo.*

*Para Dr. Pethö Sandor, "in memorian", e à psicologia  
organísmica que orientou-me a sensibilidade.*

*"Nada há na inteligência que não tenha passado inicialmente  
pelos músculos". (Roels-Bachelard, Lautréamont, p. 106).*

Nosso grupo, que descreveremos compreensivamente em uma de suas deambulações, é o grupo do "devaneio muscular" e do "mimodrama", imantado em seu "universo ativo" pelo "complexo de Lautréamont" e pela "imaginação da vida", como se expressa Bachelard; sendo também o grupo do "devaneio do grito (primal)", é

---

\* Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Membro e pesquisador do CRI-GRECO 56 do CNRS de Paris. Pesquisador do Centro de Estudos do Imaginário e Culturanálise de Grupos da FEUSP.

imantado pelo "mimodrama", em termos de Jousse; em ambos os casos, em profundidade, por sob a convivialidade, realmente existente, cavam-se os abismos da visceralidade da linguagem e da violência como manducação originária. AT-9s, sonhos, pixações e crenças, em leitura cruzada, permitem detectar essas pistas que explodem num percurso cotidiano, uma deambulação pela cidade, que é o universo da digressão, nosso suporte de compreensão. Como "grupo empírico", nosso grupo não chega a ser uma "tribo" (Maffesoli), nem uma "pseudo-espécie" (Lorenz-Erikson), situado num estado fluido mais acentuado, permeado pela gratuidade e pela ocasionalidade de modo mais insistente, fugindo mesmo, pelo "climat" urbano característico, a tais ritualizações mais acentuadas da "heterocultura" e da pós-modernidade. Nesse sentido, como "grupo empírico", onde há arborescência de novos elementos agregados esporadicamente, mas há persistência de um núcleo de participantes - fundamentalmente 24 participantes, que aliás apresentaram de modo completo AT-9s, sonhos e respostas ao questionário, sendo 15 protocolos de forma negativa e/ou universo da angústia, mas todos eles, os mais "míticos", é de se destacar, como veremos, evidenciando uma "sensibilidade" -, que entretanto, na perambulação, vai se dissolvendo, tal grupo como "empírico" atende mais à caracterização apresentada por Ferrand em "Ritualização da relação entre as idades" (Ferrand, 1979, p. 151-163). Como "grupo interno" é o grupo do "cogito corporal" e do "imaginário da digressão", sendo de se observar, como no caso de outras escolas, que as considerações que fazemos não estão a nível da consciência dos participantes. Não, melhor seria dizer que são "efeitos da causalidade metonímica" as figurações que se manifestam como cotidianidade, de modo que a latência, por sob essa emergência, se cava em profundidade como inconsciente e como "cotidianidade oximorônica" (Paula Carvalho, 1986). E isso não só porque o corpo é Sombra mas, como Jung afirmou, "os símbolos do Self formam-se nas profundezas do corpo e expressam, assim, tanto sua natureza material quanto a estrutura da consciência que os percebe... As camadas mais profundas

da alma perdem, com as profundidades e obscuridade crescentes, as particularidades individuais, tornando-se, à medida que rumanos "para baixo", i.e., quando nos aproximamos dos sistemas funcionais autônomos, universais, extinguindo-se cada vez mais na materialidade do corpo..." (Solié, 1977, p. 33). Vai daí a importância da investigação proxêmica da corporeidade na escola (Rodrigues de Lima e Gomes, 1992), que aqui continuamos na linha de uma antropologia profunda.

Pelo que toca ao "grupo empírico", Ferrand mostra que tais grupos se formam precisamente "no momento em que a ritualização das relações entre as idades institui um "paralelo, ao lado" da necessidade social, assim possibilitando desdramatizar, por implicação, a vida cotidiana, dela fazendo um jogo sério, mas apesar de tudo um jogo" (Ferrand, p. 151). Com efeito, o "modo de relação inter-jovens" remete à presença de processos sociais: a modificação radical da relação ao trabalho, tornado aleatório e precário, de modo que o tempo obrigado no trabalho acaba por problematizar também o lazer correlato; o colapso (da função da escolaridade, bem menos visando à aquisição de competências que sendo um modo de ocupar os jovens, em certo período; a incerteza da entrada na vida ativa tem com consequência o fato de perder parte de seu poder de organização das vivências, desvalorizando "o projeto que poderia dar sentido aos esforços escolares. Como consequência, tal configuração" não anula nem o trabalho, nem a escolaridade, mas os desdramatiza, pondo-os em suspensão..." Não nos deixemos enganar pelas manifestações superegoicas das críticas moralistas de alunos às pixações e pelas respostas à questão dos sonhos acordados, projetos e planos: essa patência é desmentida pela corporeidade, pelos AT-9 e pelos sonhos, pela retenção temático-indicial de uma pixação; desmentida na sua pretensão legisferante de ser "a opinião". E a verdade. Ela é relativizada e posta em seu devido lugar, reduzida a sua verdadeira dimensão, pelo prazer de divagar, que é jogo, "ludismo transicional", diria Winnicott, que explode no "vazio institucional" (Bourdin). Porque não se trata de um "grupo desobediente": podemos nos fiar nas

respostas dadas ao "conflito de gerações", em patência, mas também nas respostas aos sonhos acordados, desde que reconduzidas e temperadas prudentemente pela latência inconsciente, que diz "outra" coisa, via de regra... O fato é a existência de uma sensibilidade como que sublimar que capta, de modo antecipatório - sob a forma de uma "consciência dissimultânea" (Tacussel, 1987), por isso criando certa angústia e ansiedade de certa cisão, certa esquizoidia, na não-junção das coisas sentidas e ditas, por isso mesmo explodindo em irracionalidades e "alucinações", em corporeidade explodida, em "monstros-drogas"... ou em moralismos denegadores -, para a comunidade como um todo, e na sociedade global, uma "desdramatização" dos valores e das formas de organização das vivências e do espaço-tempo da vida pelo trabalho, escola e mesmo o lazer planejado, para não se falar na família. O Prot. 1C12 é exemplar na sua fala: "Um menino que vai mal na escola (suas notas estão caindo: queda, boletim; função, "desilusão, simbolizando a preocupação"), procura um refúgio (o lar, função "briga entre sua família", simbolizando "a desunião") para desabafar e pedir auxílio a seus pais; mas como sua casa está um inferno, sua família se desentende a todo momento, ele procurou o caminho de um monstro devorador, que são as drogas; ao experimentar, sua cabeça começou a girar e sentiu sede; avistou um rio, mas não conseguiu beber a água, pois estava poluída. No fim de tudo ele se sentiu um animal sem amor e sem carinho, que serve para puxar uma grande carga de interrogações e infelicidades e a solidão. Tudo isso era uma espada entrando em seu coração, uma amargura. "A carga desse universo de angústia é a inscrição antecipada de um semantema social. Por isso, diz Ferrand, com precisão que, desdramatizando, mesmo assim, a carga do desilusionamento antecipatório só pode encontrar lenitivo numa estratégia de jogo. Por um lado, "os grupos (desse tipo) se manifestam concretamente, existem, chegam a se reunir num período particular dos ritmos sociais, momentos deixados livres pelas obrigações familiares, pelas obrigações ligadas às atividades

estatutárias de aluno ou de trabalhador. Num "resto de tempo", num "parênteses" aberto na ordem da necessidade cotidiana... um tempo livre é um resto comum de tempo onde se apagam as particularidades individuais e que se manifesta uma similitude social relativa" (Ferrand, p. 152). Mas, por outro lado, esse "universo jovem" é um giroscópio comunitário e social, e "não seria estruturado tanto pelo fato de que é jovem, o que é um caráter contingente na história de nossa sociedade, mas pelo fato de ser indicador e ter a indicar que o prazer da existência não está mais nas múltiplas funções e papéis sociais que é preciso assumir, nem mesmo nas grandes representações da ordem social, mas no jogo, no modo de guardar uma distância... Lembremos, evocando os malinke, que a iniciação dos jovens não termina com a representação dramática e teatral de um mitologia social encenada pela dança de máscaras, não termina com o acesso terrificante ao sagrado, mas com a revelação que a máscara é um homem e que cabe ao novo iniciado aprender a fabricar e a jogar com a máscara..." (Ferrand, p. 161). Assim, é reconhecida a necessidade do cotidiano, mas desdramatizado, porque se é preciso "assegurar as condições mínimas de existência negociando uma participação reduzida nas exigências do trabalho, da família, da escola ou do lazer, essa necessidade é esvaziada de qualquer risco dramático pois não representa mais a via unívoca e absoluta para a realização de si mesmo". (Ferrand, p. 157-158). Reconhecidos a consciência da dissimultaneidade, a angústia, a desdramatização, o ludismo transicional e o vazio institucional, não há transgressão de qualquer interdito, mas digressão, e o grupo interno, como nasce, no espaço de fora, como no de dentro, como grupo interno, como realidade imaginária, ou seja, "é preciso cavar um vazio, um côncavo, onde possa nascer o grupo, e se situar, como realidade imaginária coletiva e objeto identificador (Ferrand, p. 157).

Tal grupo "pervaga" a cidade... e a comunidade.

Na Noite, no êxodo da escola, no Crepúsculo, no orgastério das Termas, nos espaços limiars da convivialidade ele

projeta sua Sombra, pelo corpo e pelos sonhos e pelas pixações, como Sombra Coletiva da comunidade, portador que é, jocoso ou agoniado, do "Outro".

Muitas são nossas "enunciações transeuntes", em AT-9s, em sonhos e em pixações, recoladas, sem se falar, ainda especificamente no corpo como veículo. Entremeando com o texto de De Certeau, "Práticas do espaço", que introduzirá nosso "imaginário da digressão", vejamos algumas dessas enunciações. Há um AT-9 exemplar do "cotidiano visionário" e de uma "cidade transfigurada" pela mediação do veículo como extensão do corpo que pervaga. É exemplar: trata-se do Prot. 2C20 (ver o desenho é fundamental), que relata "Uma olhada ao redor: hoje passei metade de meu dia passeando de carro. Nossa! o que eu vi, não gostei nem um pouco. A começar com drogados alucinados e também pessoas com tanto frio, a ponto de se esquentarem com um tambor de fogo, pessoas que não têm o que comer e muito menos o que vestir. Vi um crime acontecer ali em minha frente e não pude fazer coisa alguma, não me controlei e fui embora muito triste, quando vi a arma do crime ali na minha frente. Acho que todos passam diariamente pelo que eu passei, mas não critico, porque isto para todos já é tão comum!?" Notemos que o refúgio é a rua, "abrigo a vida de forma trágica (a realidade)" e o monstro são "alucinações", cuja função é "amedrontar o drogado", simbolizando "ilusão"... Uma pixação retida por um aluno diz: "Economize gasolina, use LSD..." Mas o veículo pode ser "coletivo" dentro de "um coletivo" onde aparece uma "função fática" de criar uma possível comunicação... e circulação de presságios, num passeio meio agoniado. O Prot. 2C10 relata um sonho: "Num lugar muito deserto, estranho, eu e mais dois amigos. Estávamos num trem cortando uma cidade ao meio, de fora a fora; víamos pessoas mortas, outras quase morrendo, carros pegando fogo e gangues. Vimos muito mais, mas de repente o trem parou e saltamos para dentro do hotel todo estraçalhado e quase caindo, e lá dentro apareceu uma mulher loira que nos disse simplesmente: Oi!" Mas o apocalipse pode, na rua ou na estrada, ir se internalizando, num

quadro de angústia que pode se recolher ao corpo como veículo das andanças que, ou cai ou voa... ou voa e cai... ou anda e não sai do lugar. O Prot. 2C7 diz como sonho: "Às vezes sonho que estou numa rua andando, e a rua começa a desbarrancar, bem no meio, e eu corro, mas não adianta, porque o buraco continua se abrindo cada vez mais. "Os veículos, em ambos os casos, passam pelo meio-Centro, lugar onde é de se esperar revelações, que explodem, no Prot. 2C10, e implodem no Prot. 2C7. Essa contração viva do espaço pode levar à angústia presente ao nível do corpo paralizado, como no sonho do Prot. 2C02: "estou sendo esmagado, num lugar muito apertado por onde passeava. Senti grande aflição". Sensações cenestésicas pressagiadas pelas anteriores menções, acima, pelo "lugar deserto, estranho", que é por excelência o espaço do insólito e fantasmático que duplica e obumbra o espaço cotidiano. Esse confinamento progressivo, combinação temática, pode ir em direção a uma imobilização e redução paralizadora dos veículos, mecânico e corporal. O sonho do Prot. 2C9 conta: "Saí de carro com uma amiga para buscar meu pai no trabalho; ele disse para a gente voltar depois. Fomos a um lugar tipo condomínio fechado, paramos o carro no estacionamento e saindo vimos uma janela cheia de retratos de acidentes. Entramos e era um velório só de pessoas acidentadas. Tinha uma criança num caixão que, de vez em quando, voltava à vida e gritava pela mãe. Parecia estar em coma mas ao mesmo tempo morta. Voltamos para buscar meu pai e o carro, não sei como, estava dentro de uma casinha e me lembro de um crucifixo, pendurado na parede e não pudemos sair com o carro devido estar aberta só a portinha pequena". Passando por alto, no relato acima, a busca do pai e a criança no caixão... assim como os "fantasmas de gulliverização" de Ferenczi e Fenichel, e a exploração do corpo parental, aqui desdobrado e duplicado nos vários espaços de confinamento angustiante, lembremos que o espaço pode se deslocar para a casa, sem deixar de acontecer um passeio... forçando, com as deformações correlatas e o não-sair do lugar contraditoriamente estando andando: "Frequentemente, todas as noites, era forçado a

atravessar uma sala, passar por baixo de uma mesa, mas a sala era grande, gigante, me sentia uma formiga e ao atravessar minhas pernas paralizavam, e não conseguia sair do lugar (algo meio inexplicável) e vinham gigantes ao meu encontro (algo meio inexplicável) e eu gritava, gritava muito, mas parecia uma estátua e quando aquilo vinha e chegava perto de mim, acordava gritando" (Sonho do Prot. 3C12). A "medusação" do corpo é duplicada pelo estertoral da goela que berra, como veremos no "complexo de Lautréamont" e em Jousse: mas aqui já aparece esse modo de a corporeidade se figurar como "grito primal". Porque do corpo medusado a voz se eleva das vísceras tentando fazer subir, como Jung mostra nas associações à voz-grito-corpo (Jung, 1973). Porque o veículo-corpo pode ascender: "Uma noite tive uma sensação, não sei bem se é sonho, mas meu corpo estava pesado e parecia que estava voando em meu quarto, tentava chamar minha mãe, só que minha voz não saiu" (Prot. 1Cd); ou então ser espontâneo sem preparo: "Estava na cozinha com minha irmã e de repente comecei a flutuar através da cozinha e gritei minha irmã. Acordei com o corpo todo formigando com uma sensação desagradável" (Prot. 1C16). Como pode se dar uma catamorfia nefasta ou eufemizada, presença do insólito ao nível de um veículo que pervaga: "Caminhava em um bosque e chegava à beira de um barranco hiperalto. O dia era belo, mas de repente perdeu aquele ar de dia ensolarado. Então a beiradinha do barranco se despreendeu e eu comecei a cair, mas o barranco era tão alto que eu não parava mais de cair. Deu tempo de pensar muito na vida e parece que eu não queria chegar ao fim da queda de medo de topar com a morte." (Sonho, Prot. 1Ck); "Estava caindo num abismo infinito e não achava o fundo" (Sonho, Prot. 2C19). Mas pode acontecer que: "Estou voando, estou caindo de um lugar bem alto e abro um guarda-chuva para me salvar" (Sonho, Prot. 2C16); ou que: "Estava andando de bicicleta rapidamente; sem perceber cai num desfiladeiro e sentia meu corpo leve como uma pena e quando encontrei o chão já era de terra, eu derrapei e continuei a andar" (Sonho, Prot. 1C16). Podemos também ter uma andança por um trajeto povoado pela "animação

nictomorfa e angustiante": "Estava passando por uma rua forrada de sapos, cobras e aranhas. Tinha que passar por lá, não havia outro jeito. Me desesperava ver aqueles bichos me tocando, subindo em mim e aquele longo caminho pela frente, cheio deles". (Sonho, Prot. 1Ck). Entretanto, o "iter" e o "viático", em contraponto com os protocolos inicialmente citados, podem ser fastos: "Numa estrada deserta onde não passava ninguém, só via a Natureza, mas tinha música e eu estava com um moço, que nunca tinha visto, mas era só meu amigo. Aí então apareceu a gente andando pela estrada com um jipe, lindo, vermelho; só via as estrelas e a Lua. Depois de andar de jipe, começamos a dançar, no meio da estrada deserta; de repente sumiu o jipe, a música e ficamos no meio da estrada conversando como se fosse na sala de nossa casa, muito tranquilo..." (Sonho, Prot. 2C8); "Estava numa estrada de terra, em cima da carroceria de uma caminhonete, o sol estava nascendo e eu escutava uma música suave; não sei quem estava dirigindo a caminhonete, não sei o que significou, mas acordei com uma paz de espírito inexplicável" (Sonho, Prot. 1C16). A translação de espaços-veículos e a homologação de espaços (rua-estrada) - trajetos é temática numa região rurbana. Devemos ter em mente, nessa apresentação das andanças de nossos transeuntes, essas irisições da "cidade".

De Certeau mostra como a cidade, instaurada pelo "discurso utópico e urbanístico", estribada na tríplice operação "panóptica" de "racionalização das poluições humanas" (a produção de um espaço específico de circulação, a substituição de um não-tempo às resistências das vivências e a criação de um sujeito universal e anônimo), "degrada-se" aos poucos, cedendo às vagâncias e pervagações transeuntes que forçam o instaurar-se o trato à pluralidade e à efetividade das vivências de um espaço fluido. As "práticas do espaço" brincam com "os aparelhos produtores de um espaço disciplinar", sendo um "modo individual de reapropriação" ou mesmo um "modo alógeno" que, no espaço pervagado, expande uma corporeidade, também em via de expressão e reapropriação. Assim, "o

ato de andar está para o sistema urbano como a enunciação (o "speech act") está para a língua ou para os enunciados proferidos": (De Certeau, 1980, p. 180). Portanto, uma "tríplice função de enunciação": trata-se de um "processo de apropriação de sistema topográfico pelo transeunte"; a seguir, de uma "realização espacial do lugar"; enfim, o "processo implica relações entre posições diferenciadas", "contratos pragmático" com movimentos, de modo que o andar se define como "espaço de enunciação". Entretanto, a "enunciação transeunte" se desenha e se destaca, diferenciando-se do "sistema espacial" pois, se a ordem espacial organiza um complexo de possibilidades e de interdições em termos de circulação, a "enunciação transeunte" instaura uma seleção e presentifica vivências específicas das pessoas e/ou do grupo, inventando modos também de trajeto; assim, essa "puntualidade" e "localidade" das práticas e modos instaura a descontinuidade, na medida em que prioriza lugares, trajetos, reinventando modos e assim libidinalmente certos "topoi", que derivam em "tropoi". Enfim, o "fator fático" rege essa reinvenção da vida que aí pervaga, ainda quando se trate de um trajeto acidentado e apocalíptico, como no sonho supracitado do Prot. 2C10: uma moça loira nos acolhe e "simplesmente diz: "Oi!". Segue-se daí que poderemos, por um lado, falar em "retóricas transeuntes": as andanças equivalem, em seus contornos e desvios, às "figuras do estilo", a definirem um "estilo específico" (uma estrutura que, no plano simbólico, manifesta o modo de ser-no-mundo fundamental de um homem) e um "uso específico" (ação de uma simbólica inconsciente). Assim, há uma "retórica habitante" (Ostrowetsky e Augoyard) em que os "tropoi" são modos de reapropriação, como Durand mostrara a importância da retórica na apreensão do imaginário. Porque "o gesto transeunte brinca/joga com as organizações espaciais, por mais panópticas que sejam: não é estranha a elas (não acontece num além), mas também não lhes é conforme (não recebe delas sua identidade). Ele cria aí a Sombra e o Equívoco, aí insinuando, astuciosamente, sorrateiramente, senão perversamente, a multidão de suas referências e

citações (modelos sociais, usos culturais, coeficientes pessoais)... As figuras dessa metamorfose estilística do espaço são os gestos. Ou melhor, como diz Rilke, "árvores de gestos" em movimento... que definem uma "transumância retórica" e uma "errância do semântico..." (De Certeau, 1980, p. 185-187). A figura da "digressão" será logo mais nosso destaque. Mas observemos, antes e enfim, que a andança pervagante que, com o corpo - essa "árvore de gestos caminhanes"-, inscreve no espaço vivências próprias de um grupo empírico e/ou de um grupo fantasmático, criando as polissemias simbólicas, porque inscreve o Equívoco, inscrevendo também a Sombra, move-se na/pela inscrição do Inconsciente. Assim, "as figuras desses movimentos caracterizam ao mesmo tempo uma "simbólica do inconsciente" e "certos procedimentos típicos da subjetividade manifestada no discurso. A simultaneidade entre o "discurso" e o sonho refere-se aos mesmos "procedimentos estilísticos", envolvendo também as práticas das andanças..." (De Certeau, 1980, p. 188). Por isso as figurações oníricas das andanças e pervagações, e o tratamento homólogo que a elas damos, em se tratando de sonhos ou percursos acordados, porque "andar é estar à busca de um lugar, é o processo indefinido de estar ausente e à busca de um lugar próprio, errância que define uma privação de lugar como vivência coletiva", diz De Certeau onde, se a Cidade e o Campo falham, os encontros e as expressões relacionais compensam o trajeto re-apropriador, ainda que, e por isso mesmo, eivado de angústia... da descoberta. Os alunos são saudados, na sua entrada no panóptico da escola, como na sua saída pervagante, pela pixação encimando o batente da porta de entrada - e retida, o que é significativo de motivação inconsciente, não pelo conteúdo em si, mas pelo jogo da busca e pelo equívoco semântico que cria; assim, alguns alunos interpretam o "tô fora" como "tô fora dessa" e outros como "saí para comprar"...: "Drogas, tô fora, saí para buscar, volto logo e vou morrer de overdose". A oscilação pendular da busca pervagante de um lugar próprio para ser de modo "digressivo".

## Imaginário e educação

Nosso grupo, já vimos, não transgride, mas divaga, pervaga, deambula ou "digressa". Na digressão há a considerarmos, com Sansot (1979), os seguintes blocos semânticos: a duplicidade, o desvio, o suporte corporal-vocal, que ampliaríamos com o "complexo de Lautréamont" e as "mimismológicas" para, enfim, chegarmos à agressão, à manducação e à violência originária, que explode como inscrição do Inconsciente no Corpo como Sombra. Por isso que a trajetividade dos corpos acaba por incomodar, sendo portadora de "pânico", no sentido da figuração de Pan (Hillman, 1979).

Vejamos o campo de vetores da duplicidade. Poeticamente Sansot apresenta-a: por um lado, "cândida colheita, infantil, vagabunda"; por outro lado, "caça viril, astuciosa, mortífera". Vimos também: é solidária de um discurso e de um espaço que a possibilita e que, aparentemente, não contesta, não transgride; mas é um "vaso de dilatação sinuoso" que insinua, serpentino, ondulante, e traz a Sombra e o Equívoco, a incerteza e toda a gama da "neotenia neg-entrópica" (Paula Carvalho. 1990, Conclusões), sobretudo o "ludismo transicional". Sansot observa que a "virtude essencial da digressão é a duplicidade": O "desviante" é mais ambivalente que os outros homens... Na duplicidade há mais que um estado, há uma arte de viver mais ou menos consciente... Por jogo? Sim, se o jogo engaja nossa liberdade, impedindo-nos enquistar numa massa coriácea. O "desviante" queria que as coisas fôssem isso e aquilo, que continuassem a se mexer, a oscilar, que elas, como o leite hesitem pendularmente entre o sólido e o líquido... Assim o movimento (a vida, a diferença, o tempo) seria resguardado e salvo..." (Sansot, 1979, p. 85-86). E essa "arte de viver", que não se apresenta formulada, de modo cabal, à consciência, mas se apresenta como uma "ambivalência", uma "atmosfera", uma "sensibilidade", subindo das entranhas, aos poucos, rumo à consciência encontrará, nas moções do corpo, seus lugares de manifestações prístinas: as andanças e a voz. Mas isso significa que, por ora, não há ainda plena consciência, somente inscrição subliminal na "paisagem mental". Por isso a

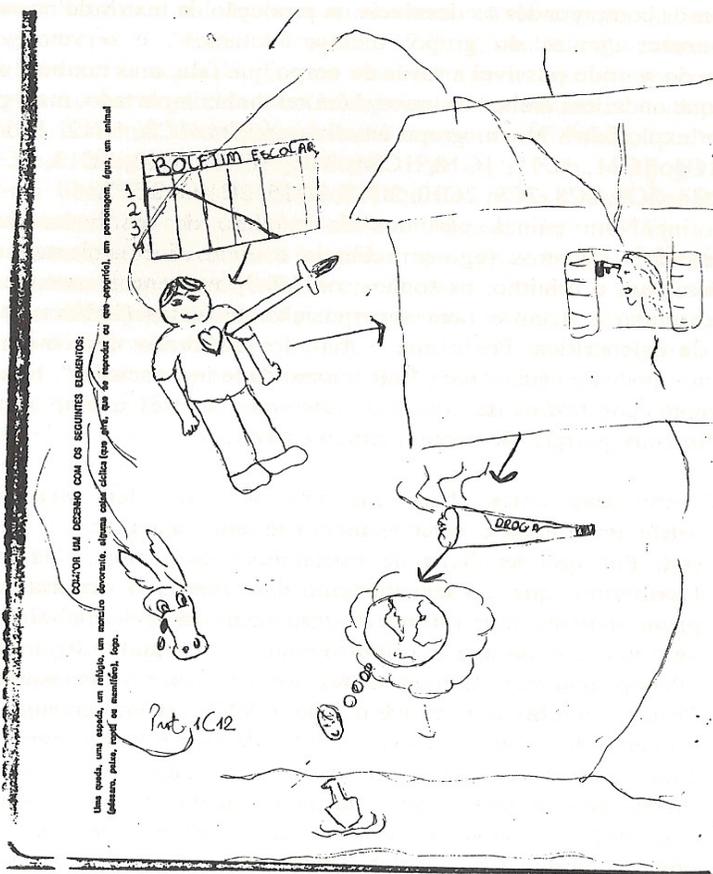
ambigüidade... e o simbolismo... e o imaginário, mesmo a incoerência dos próprios agentes: não se comunicaram, ainda, em enfrentamento os "vasos comunicantes" do inconsciente e do ego-consciência. Por isso esse aparente "mosaico de contradições", na realidade, complementaridades que tenderão a se atenuar como polarizações, se houver mediadores facilitando o "enfrentamento" como "dialética transicional". Por isso o corpo fala, mas uma voz que os agentes ainda não aprenderam ouvir-lhe o sentido, ficando ora só a inscrição. Esse desnivelamento vivencial é percebido claramente numa leitura "transversal" dos AT-9, dos sonhos, das crenças, das razões das pixações e das pixações retidas, ocasião em que se percebe a encenação preparada dos vetores da confrontação, que o corpo, nas andanças e falas, inscreve e antecipa como digressão-duplicidade-desvio.

Se considerarmos o referencial da "energética psíquica" e sua dinâmica (compensação, complementaridade, enantiodromia, confrontação, perlaboração, denegação, sobretudo) (Jung, 1969), poderemos compreender os desníveis na produção de textos de nossos componentes-agentes do grupo, melhor "actantes", e o vetor da questão do sentido possível através do corpo que fala, mas também do corpo que anda, em ambos os casos, bem ou mal comportado, mais ou menos "explodido". Nosso grupo envolve os Prot. 1C8, 1C12, 1C19, 1C2, 1C4, 1C11, 1C17, 1C18, 1C24, 3C1, 3C11, 3C12, 3C13, 2C1, 2C2, 2C4, 2C7, 2C8, 2C9, 2C10, 2C13, 2C15, 2C16 e 2C17.

Num painel, partimos do máximo de desnivelamento entre os dois registros (ego-consciência e efeitos-inconsciente), as pixações, para o mínimo, os sonhos; os AT-9, as crenças, estando a meio caminho e fizemos uma superposição de textos (Mauron,) a modo da psicocrítica. Posto que o todo foi elaborado num mesmo momento, podemos supor uma "intencionalidade inconsciente". Nessa publicação, por razões de concisão, reteremos só três exemplos de procedimento, porque são peculiarmente ricos.

- 1C2. "Acho uma coisa chata. Em vez de pixar, leia livro de astronomia. Pixar é coisa de quem não tem o que fazer".  
(Cf. Por quê ler livro de astronomia? Isso sim, é fazer... Lembremos que, no levantamento das crenças, a maioria crê, primeiramente, numa forma de ogro agenciado pelo diabólico e pelo universo da morte, o lobisomem e, em segundo lugar, em OVNIS, fenômeno comum na região; ora, esse é o caso aqui do Protoc.: lembremos também que OVNI carrega consigo o universo do "Self", de certo modo, da morte, como mostrou Jung. Veremos ser também esse o caso aqui. Ademais, é interessante observar que, na amostragem global, tivemos prioridade do universo heróico e, complementarmente, as crenças evidenciam a sombra desse universo, o universo da angústia, que também é o caso desse Prot. Por isso sua denegação nas razões do porque das pixações não nos convence: podemos esperar uma grande Sombra, já no AT-9, onde há condensação entre o personagem e o monstro....  
AT-9: Trata-se do "monstro da cachoeira", "guardião da cachoeira da Vida", mas que, como "dono das águas" impede

# Imaginário e educação



as pessoas de se banharem e se "tornarem jovens", isso "há um milhão de anos"... Ele viveu "2.000 anos"... Magicamente, é morto por "uma pedra gigante do Céu", assim como seupássaro-gigante amigo, que depois assola o lugar; também ele é eliminado, "Deus enviou uma luz (Luz Divina) e tudo ficou tranqüilo e nós ficamos felizes para sempre". A "fons vitae" é guardada por um monstro, variante de dragão; um símbolo do "Self" por um personagem "inflado" em "perversão" da função. A interferência divina restabelece a ordem... e o acesso: o aerólito e a luz uranianas, símbolos também do "Self", epifanias dele (kratofania e fotofania), reconduzem as coisas. Daí a importância do "ersatz" cientificista da astronomia. Vejamos os sonhos: mas antes notemos, mais uma vez, a associação universo do "Self"/ universo da Morte, como com os OVNIS, desde que não mediado adequadamente... O monstro guarda aspecto do "Self" de teor feminino (Edinger).

. Sonhos: extremamente interessantes e ricos, foram objeto de análise detalhada anterior. Aqui retemos tão só, das facetas consideradas, os vetores mais relevantes para as ressonâncias.

- "Estava morrendo no meio do Universo". Mais uma vez a metáfora cósmica; é que os abismos se respondem e, como mostrou H. Tuzet em "Cosmos e imaginação", há um abismo sideral, tão abissal quanto o "gouffre" de Baudelaire, como mostra a obra de Lovecraft, que o aluno leu. Nesse abismo há morte, de um tipo terrível, como em "2.001" e em Lovecraft, de que os OVNIS são figuras "míticas". Esse universo da angústia, que não é estreitamento, mas dilatação infinita do sem-contorno, se presentifica como um "ancestor" de Lovecraft.

- "Estava sendo vigiado por uma coisa preta de capa preta, eu não via a cara dele ou dela, eu não sabia o que era e quando eu virei as costas para ele(a), parecia paranormal, ele me tocou nas costas e eu acordei". Passando por alto a ambigüidade e ambivalência", algo preto de capa preta me espreita e me vigia",

como "A Coisa" de Lovecraft: o importante é o "choque negro", de que nos fala Durand, que introduz a nictomorfia do abismo sideral... e a para-normalidade, ek-noia/ a-noia dos estados de consciência outro-Outro, portanto a ordem da sincronicidade, que vai ex-plodir nos fotismos (fotofanias) espiraliformes.

- "Sonhei com luzes vermelhas, amarelas, brancas, de todas as cores, que giravam em torno de mim, cada vez mais giravam até virar várias cores rodando, subia e descia, subiu bem alto e desceram numa velocidade que levei um susto e acordei". Nesse "maelström" ou redemoinho luminoso, como não pensar, astronomicamente, no citado Lovecraft? Note-se, também, que o movimento caótico lembra os OVNI. Mas é importante ver que desceram "vertiginosamente", e devemos esperar o abismo ctônico responder ao abismo sideral.

- "Estava perdido num lugar que não existia nada, o chão era uma espécie de espelho, eu olhava para os lados e não via nadinha, quando então apareceram criaturas pequenas do tamanho de um "coxo", acordei e não deu para terminar o mistério". Situação labirintica, "ou-topos", "num lugar que não existia" e assim "que não existia nada" (angústia), labirinto especular (Brion), sem reflexo, como o "miroir fumant"/Tezcatlipoca, o tenebroso deus mexicano, introduzindo a nictomorfia (Durand, Ortiz-Osés), que é como "coxo", quase, na medida em que a terra comeu-lhe um pé e uma perna... Por isso aparecem criaturas do tamanho de um "coxo" (leia-se "coto")... Gnomos e o mistério da Magna-Mater... Mas, num protocolo heróico, responde o sideral, ainda que abissal, ao abismo ctônico.

- "(3 anos atrás) Estava num lugar muito longe. Existiam paredes altas e grandes, era uma espécie de quebra-cabeça, também uma voz muito alta que era projetada por um computador e dia vem você está num caminho certo e de repente acendeu uma luz enorme e eu acordei". É

impressionante, o sonhador não conhece o texto, mas se trata de uma paisagem introdutória a uma das cidades de Lovecraft! "O caminho é certo" mas é o lugar de um "quebra-cabeça", ainda; daí a angústia, "paredes altas e grandes" sendo o todo "regido" pela Voz e pela Luz (as maiúsculas substituem o "muito alta" e "enorme"), nas associações que conhecemos de Jung em "Símbolos de transformação" e, se com Durand, vamos rumo ao "espetacular", não há como se furtar à sensação do obumbramento pelo "espelho"... E esperar por algo que possa cair...

- "(1 ano e meio) Estava viajando de ônibus, mas não estava. Estava com uma sensação estranha, até parecia que estava ouvindo como um pássaro e quando olhei para a frente tinha uma pedra gigante e eu bati nela". Note-se a andança no coletivo - agora solidarizam-se os temas da andança e da voz, assim como antes da voz e da luz, indicando a manifestação bruta da energia do "Self" e da própria energia cósmica -, mas note-se a desorientação, o estava-não estava, que em Durand é uma das noções do "schème do animado", do universo da angústia portanto. E o que acontece? Seria a "luz enorme" um equivalente da "Luz Divina" do AT-9? E o que faz no AT-9 Deus/Luz Divina com o monstro condensado com o personagem (no qual deveria se projetar o autor do protocolo; mas pela "via úmida" do sonho não se projetou mesmo)? Para preludiar, "estava ouvindo como um pássaro"... no AT-9 há um pássaro gigante companheiro do monstro que a ele sobrevive para assolar a região até que Deus... Bem, lembrando o AT-9: "ele viveu... até que caiu uma pedra gigante do céu e matou aquela criatura implacável... Mas ainda existia um outro problema, o seu pássaro gigante. Foi aí que Deus enviou uma Luz Divina e tudo ficou tranqüilo..." O que acontece com nosso sonhador? Bateu numa pedra gigante e... Daí a importância da astronomia! Mas pixar também pode ser profundo... e, porque

pro-jeção, antecipar conhecimento sobre mistérios... Teria o autor do Prot. "terminado o mistério"... da Morte?

1C4. "Fazem isso porque acham moderno, juvenil, legal e acham o maior barato. "Drogas, tô fora, saí..."

(Complacência. Ambigüidade na pixação retida: estou fora dessa, saí dessa? Ou... saí para...? O sentido das...?)

. AT-9: (Dada a riqueza do material, remetemos ao protocolo, retendo aqui, que se trata de um enfrentamento para salvar a Terra: há dois fogos, como lembra Eliade, um divino/solar e outro demoníaco (proveniente do ventre das feiticeiras), que aqui se enfrentam; o monstro é o segundo, "era feito de fogo, seu fogo era produzido por toda a maldade dele, ele devorava tudo em sua frente"; a função: "queimar o refúgio" (que é a "morada do Sol", onde o "guerreiro do Sol" com a espada terá pleno poder para destruir o monstro) e espalhar o medo; já o fogo divino é o Sol e seu guerreiro. O enfrentamento pede um "kairòs" que é ritualizado: "entrando na morada do Sol (o guerreiro), raios fluorescentes se espalham sobre toda a terra e o monstro derreteu tornando-se lama apenas, uma lama "negra". Ou seja, o fogo demoníaco/feiticeiro se torna "húmus", melhor, lama negra: é o "sol negro", "solombra", a matéria-prima provável; de qualquer forma, um modo de "nigredo" se faz aqui presente: seria para esperarmos, nessa sábia atitude de complacência e de ambigüidade, a presentificação de uma polarização e de um universo sintético subliminal de resolução positiva? Como então se presentificariam a "nigredo" e o universo da angústia como estímulo? A complacência e a descontração seriam acolhidas?) Vejamos os sonhos.

. São quatro sonhos relatados:

- "(2 ou 3 vezes) Um tipo de aranha enorme que carregava uma bolsa de sangue e eu nunca conseguia estourar a bolsa até que um dia consegui e nunca mais sonhei". Presença clara da nictomorfia através da aranha-bolsa de sangue, mas também do

## Imaginário e educação

enfrentamento heróico: a angústia é um universo-estímulo para a solução heróica.

- "Estava subindo na pracinha que tem perto de minha casa e havia um corpo sendo velado, com algumas pessoas em volta (umas 6) e então fui lá - não gosto de velório, mas fui - e de repente só estava eu e outra pessoa, não conhecia a pessoa, as



peças estavam discutindo e de repente o corpo saiu do caixão e foi até onde estavam as pessoas discutindo e elas pararam de discutir".

Na praça (é um Centro), um velório, de que não gosto mas fui (complacência); e porque é complacente será agraciada com a resolução solar: o mistério da morte se transforma no mistério da ressurreição. O corpo saindo ressureto do caixão e interpelando a discussão do coletivo significa: sem discussão, quando presentes os mistérios da morte e da ressurreição.

Em ambos sonhos a presentificação do universo da angústia, porém como estímulo rumo a uma solução heróico-complacente (descontraída, apaziguada) a preludiar uma polarização sintética e uma junção de opostos, talvez presente nas "bodas equívocas"...

- "Estava me casando com outra pessoa que não era meu namorado e tudo ficou escuro, começaram a gritar e eu desesperada corria e gritava, acordei cansada e exausta". A presença de certa desorientação caracterizando o "schème do animado", está presente no sonho anterior, como aqui, no "rémue-ménage"... No sonho anterior somem as pessoas, que vão discutir - não são dignas de presenciar os mistérios, só sua interpelação - longe; ficam ela e outra pessoa que ela não conhece... Não seria demais supor que essa pessoa, da mesma dignidade ontológica, é a pessoa com quem vai se casar, o "paredros" para sua sensibilidade, o que evidentemente agita e faz perder o hausto... que provavelmente será recolhido pela alma gêmea dos equívocos (simbólicos) esponsais... "no escuro"...

- "Estava num lugar muito bonito, tinha um veículo que eu montei e saí galopando até um pé de jaboticabeira de onde saia um arco-íris lindo que chegava até a brilhar e perto dele havia um gnomo ou duende que me abanava a mão e me falava alguma coisa que não consegui entender. "De novo um

semantismo da angústia, como estímulo, o semantismo hipomorfo, porém numa ambiência fasta, e mais, rumo a uma árvore (simbolismo de transformação extremamente rico, mostrou-o Burgos, e mais, sintético por excelência. Daqui sai um arco-íris, simbolismo da ponte que une "inferos" e "sidera", sintético por excelência, e mais, com brilho (luz).

No AT-9 temos uma árvore irisada pelo Sol ao lado da morada do Sol, árvore que determina o "kairòs" da ação: ela estaria pegando fogo (igual à irisada pelo fogo divino/solar) e raios" fluorescentes" se espalhariam pela Terra... Não é temeridade homologar as árvores e as irisações respectivas. Mas o que acontece com o monstro do AT-9? Torna-se lama negra - é calcinado em sua maldade e perversão demoníaca, mas se torna húmus e não cinzas, é depurado e aqui ressurgue, renasce, reaparece sob a forma de ressurreição muito específica de quem é da terra, de procedência telúrica, como de certo modo ressurgue no "corpo que saiu do caixão", só que aqui ele interpela, isso sim, a sonhadora... -, mas é agora, reconduzido aos limites e verdadeiro em sua verdade, um duende/gnomo das forças elementares que lhe diz algo que não conseguiu entender... Como sabemos, estava lhe mostrando o tesouro escondido no pé do arco-íris, uma figuração sintética, uma manifestação do "Self"... Mas isso deve ficar para depois. A sonhadora deverá "estar fora e sair para buscar", não as drogas, mas certo remédio, a "medicina universalis" ou panacéia. Se voltará logo, não sabemos; mas a complacência-apaziguamento com certeza preserva-la-á de "morrer de uma overdose"...

- 3C1. "Coisas de quem não tem o que fazer, de pessoas acéfalas que ficam o dia inteiro pensando besteira ao invés de dar um jeito na vida. Prefiro não guardar nada na memória".  
(Peroração moralista.Denegação. Cf. possível enantiodromia nesse prot. heróico, nos sonhos, mas de teor negativo (univ. da angústia).

. AT-9: heróico integrado típico, luta com bruxo-dragão para salvar, entretanto, uma "deusa-feiticeira" (obs.: a acentuação "fatal" do feminino a inserir sorratamente o universo da angústia pela ambivalência...) com "armas mágicas" (o que reforça a obs. anterior)

. Sonhos: 3

- "Desde 10 anos, freqüentemente correndo de vietnamitas e quando estou quase salvo levo um tiro nas costas". O norte-americano é pragmático (o sonhador é descendente) e expressa o tipo de idéias como as da razão das pixações. No Vietnã os vietnamitas foram chamados de sombras das matas, pois caçavam os americanos no labirinto da selva; portanto, perseguição na floresta e charcos (configurações claras do inconsciente, onde o sonhador fica acéfalo, sem cabeça e perde a cabeça) com a morte, catábase por excelência.

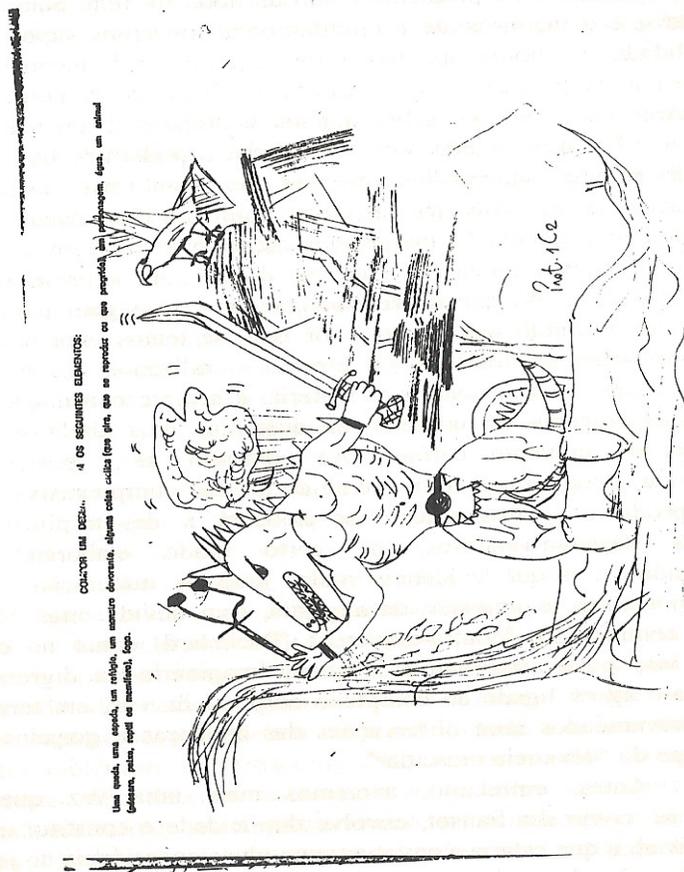
- "Freqüentemente, de repente, em meu quarto, que se transforma em um jardim cheio de animais, de felinos, eu acabo mamando numa leoa". A metamorfose do "temenos" em selva, "jungle", é eufemizada como jardim, e o universo teriomorfo irrompe e o leão, observa Durand, nas civilizações equatoriais ou tropicais, substitui as funções do lobo, sendo um ogro. Entretanto, como lembra Jung nos "Seminários sobre as Visões", ver o animal é o contato mais direto com o Inconsciente; mamar num animal, significa ser nutrido, no heroísmo diurno capenga, pelo inconsciente.

- "Era um gato em um edificio muito alto e de repente a queda". Agora o sonhador é o próprio felino e a catamorfia é inevitável. A "hybris" espreita os heróis, e o inconsciente enuncia, complementarmente, e até que ponto enantiodromicamente, a verdade Outra de tudo quanto é denegado, da "razão" da pixação inclusive.

Dos textos dos Protocolos - que constituem nosso grupo itinerante, o grupo do "devaneio muscular" (das andanças e berros),

## Imaginário e educação

temas do corpo que observamos nos próprios protocolos de sonhos -, vemos gradações no inconsciente se manifestarem, indo das pixações - projeções à via régia dos sonhos, tendo ao meio as crenças e os AT-9. Pudemos observar que, pelas leis da energética psíquica (Paula Carvalho, 1985, vol. 2), esses degraus estão articulados. Como houve



um corte sincrônico - o protocolo como um todo foi feito num único momento -, e o inconsciente é omnitemporal, podemos supor, com plausibilidade, que houve uma única motivação-estímulo inconsciente no comentar as pixações, na seleção do retê-las, no responder ao questionário nas questões sobre sonhos acordados e crenças, no compor o AT-9 e no relatar sonhos. Vai daí o poderemos ligá-los e "psicocriticamente" superpô-los, observar que, quanto mais extremas as afirmações do ego-consciência (talvez aqui fôra mais adequado o termo junguiano "persona"), maior polarização reversiva e em sentido contrário no inconsciente, o mesmo se dando com a projeção na composição do AT-9, que é precisamente uma passagem para um estrato mais profundo nos sonhos. Por isso, se temos uma posição denegadora sobre as pixações, ou mesmo moralizante, nos demais produtos, sobretudo nos sonhos, o material é sempre constelado em torno da emergência do universo da angústia, mais ainda se são protocolos do universo heróico. Ao contrário, se a posição é complacente, fleugmática, ambivalente ou mesmo compreensiva, nos demais produtos o inconsciente se aplicará a des-im-plicar os elementos desenvolvendo-os, de certo modo elaborando-os, perlaborando-os, o que evidencia maior grau de maturação: aqui emerge, por certo, o universo da angústia, sem dúvida, mas como universo contraposto, "contra-universo" (Bachelard) como no caso anterior. Isso posto, retornemos a nosso imaginário da digressão, mostrando-o agora ligado ao complexo corporal da voz, em termos teóricos entremeados com observações das andanças e gorjeios de nosso grupo do "devaneio muscular".

Antes, entretanto, anotemos mais uma vez que a digressão se, como diz Sansot, envolve duplicidade e constitui uma "arte de viver", o que estaria a envolver uma plena consciência do jogo e, assim, a maior determinação possível de moções inconscientes, em nosso caso não se constitui, pelo menos em nosso "corte", como tal, precisamente porque é sentida a nível de corporeidade, que o corpo exprime a digressão, de modo que, constituir-se como "sensibilidade"

envolveria, ainda, certa perlaboração, de que vemos os traços de uma possível evolução, seja na linguagem corporal, seja no material falado, vocado e corporificado em imagens inconscientes; estamos, entretanto, de certo modo distantes de uma perlaboração, como evidenciamos. Ademais, o "devaneio muscular" é um modo de "cotidianidade oximorônica" e, assim, precisamente por ser "oximorônica", terá esse caráter de se cavar por sob as aparências-aparições. Entretanto, o "cogito corporal" que se presentifica em nosso grupo (empírico e interno) testemunha do postulado fundamental do "complexo de Lautréamont" e das "mimislógicas" que ele vive. Enunciá-lo, com Bachelard, é da maior importância: "(o princípio de seu "Universo Ativo") é o teorema de psicologia dinâmica tão bem formulado por Roels: "Nada há na inteligência que não tenha passado inicialmente pelos músculos". Trata-se de uma justa paráfrase da velha divisa dos filósofos sensualistas que não encontravam nada no intelecto que não houvesse antes estado nos sentidos. De fato, a maior parte do complexo de Lautréamont releva da miopsyche de Storch". Trata-se de um "rêve d'action" onde "a verdadeira liberdade é a consciência das escolhas musculares..." (Bachelard, 1939, p. 106-107). Trata-se de um "corpo enérgico (energético)" que explode na "agitação nervosa", nos berros primais, elementos a que voltaremos. "Enganar-nos-íamos se imaginássemos a violência do complexo de Lautréamont como uma violência desordenada que se inebria com seu excesso. Lautréamont não é simples precursor do "paroxismo". Mesmo nas tempestades energéticas, o sentido muscular retém a liberdade de decisão. Como mostrou Henri Walon, a criança turbulenta possui verdadeiros centros de turbulência, Lautréamont não aceita violências perturbadoras. Não aceita reações difusas, ações confusas. Ele desenha atos. Sabe administrar sua agressão. Sem dúvida ele sofreu, como muitos, com os imobilismos escolares. Passou pelas atitudes do adolescente sentado, do aluno reduzido às alegrias articulares do cotovelo e do joelho. Andar brincando só com os cotovelos, que imagem de uma humanidade sonsa e dissimulada!..."

(id. p. 110).

Portanto, no "devaneio muscular" incide essa interface consciente-inconsciente, que é a *miopsyche*, lugar de nosso "cogito corporal", pois o "complexo de Laurtréamont" envolve músculos e berro (cf. Bachelard, p. 101-141), ambos desenhando uma agressividade-violência administradas oximoronicamente por sob o imaginário da convivialidade, dotando-o de profundidade contraditória, como veremos. Mas cabe, agora, na digressão identificar-lhe o suporte corporal como Voz, que encaminhará ao mimodrama de Jousse, cujos pródromos, em "dromena" eleusinos - porque nimbados pelo universo de angústia da Magna-Mater e da Dea-Natura -, nossos jovens vivenciam in-con-ciente-mente.

Sansot afirma sobre a digressão matizando, e relativizando, o universo da reprodução na escola, assim como o enfoque da transgressão, e introduzindo sua marca típica como "colocação do enigma da temporalidade, mas suspensão relativizadora da angústia" como "recolocação da consciência dos possíveis" num "a parte, paralelo", que precisamente marca o mosaico da anomia que produz no vazio institucional.. Chamariamos, de bom grado, essa constelação de "ima(r)ginalidade corporal" (Paula Carvalho, 1985, 1989). Sansot diz sobre aspectos que manifesta a digressão: "Gostaríamos de desvendar, surpreender esse tremor, essa oscilação, essa hesitação do tempo e do ensino como um todo e mostrar que, para lá da transgressão ou da regressão, importa a digressão. Será fácil evocar os devaneios dos alunos, mas é mais oportuno mostrar que numa escola existem alguns objetos, alguns lugares privilegiados de grande devaneio, equivalentes ao sótão, ao porão, aos vários cantinhos, à árvore sentimental, à água matriciadora: as carteiras, onde o aluno pode mergulhar a cabeça e indefinidamente procurar um livro, os lixos com sua confusão de roupas, alimentos e papéis, os W. C., os extensos corredores, as escadas com o vozerio e as andanças ensurdecedoras que encobrem as enunciações de propósitos claros. Não se trata jamais de um espaço euclidiano, mas de extensividades

concentradas ou expostas ou rompidas ou estiradas onde palavras, imagens, gestos se propagam por grãos de poeira de realidade, por saltos indeterminados, por curvaturas versáteis, por movimentos quânticos. Mais devaneios se tomarmos objetos (transicionais) como a borracha, o tinteiro, a sacola... Tudo isso tem um alcance teórico indiscutível: 1. Deveríamos introduzir nuances em afirmações categóricas: a escola teria preenchido uma função de repressão, e tê-la-ia levado a cabo... E se ela fôsse, tivesse sido também o tempo dos devaneios ("rêveries") mesmo infelizes! 2) A noção mais esclarecedora parece ser, mais uma vez, a digressão como hesitação do tempo, zigue-zague permanente do percurso temporal, i.e., inserção permanente dos possíveis e liberdade" (Sansot, 1979, p. 74-75). Com relação ao suporte vocal da digressão, Sansot mostra que, apesar da explosão da corporeidade, como antes pela andança pervagante, a busca do sentido está sempre presente, mas a modo da miopsyche, de modo que a Voz nos ensina a criação e a criatividade libidinal (entendida, em Weiss, como libido e/ou como destrudo), e o poder que daí emana, como já nos ensinou Jung no mencionado "Símbolos de transformação", mas sobretudo faz-nos pensar na origem da linguagem e das noções "tipo mana", em Cassirer, como "as interjeições primárias da consciência" (Paula Carvalho, 1985, vol. 1); e mais em profundidade, com Jousse e com Bril - como veremos adiante -, numa ligação entre violência, manducação, agressividade, voz, linguagem articulada. O longo texto de Sansot é insubstituível: "... a ebriedade da voz, que despreza tudo que não é sua emissão, o encantamento de um narcisismo que não tem a temer os instantes de verdade do espelho, o prazer extático de ser produtor de ruídos, de algazarra, de vociferação, de mil cintilações e vocalises. (Contrariamente ao tato e ao olhar), tríplice inércia de minha condição: a do corpo que eu engancho, a do objeto que eu modifico, a da significação que eu quero fazer emergir... Tríplice glória e tríplice soberania da voz. Ela pode crer nada ser, enquanto é esse nada a partir do qual todo o resto existe. Se a voz não se reflete ou ao menos não se

## Imaginário e educação

especulariza, não deixa de considerar que é frágil, evanescente, mas que pertence a outra ordem-inaudito que abre o acesso ao invisível, que dá nascimento ao que aparece e ao que não aparece. E, para obter o prazer, não precisa do outro, do Seio ou do Objeto perdido, ou de seus substitutivos sempre ilusórios. Vocalizando, o que não envolve sempre harmonias, ela percorre o órgão, ela cria diferenças, ela dosa as intensidades, ela realiza um percurso libidinal, ela se coça, se irrita, estrebucha numa excitação que desconhece os espamos e a queda de potencial pós-ereção. Mil vezes mais vagabunda e erradia do que a mais louca das mãos... Ela crê preencher o espaço, atravessar os muros, saltar por sobre barreiras, esgueira-se às escondidas nos antros protegidos da privacidade, por-se ao largo no mar, andar sobre as ondas, sobretudo imiscuir-se no corpo, no espírito dos outros e aí se abrigar de modo ultrajante... Ela pode atingir tudo... Já a digressão, se vagabundeia por caminhos imprevisos toma, apesar de tudo, caminhos que deixam marcas, que podemos colher, enquanto a voz está em todo lugar e em nenhum lugar específico. As reviravoltas da Digressão parecerão miseráveis com relação à ubiqüidade da Voz... Entretanto, a Voz não é jamais esse fenômeno simples, imediato, soberano, e a Digressão terá ocasiões de se reintroduzir em sua duplicidade no suporte vocal..." (Sansot, op. p. 77-78). Essa fenomenologia da voz que digressa pela andança descreve precisamente as sensações dos alunos de nosso grupo, ao emitirem seus berros e sua algarabia pelas ruas, praças e lugares de convivialidade, sobretudo no orgastério telúrico-ctônico das *Thermas*. Entretanto, aqui veicula não só "a produção visceral" e a ubiqüidade todo-poderosa da Voz, mas sobretudo uma "autoprodução" ("autopoiesis") (Bataille, 1986). É o que Sansot busca apreender dizendo: "A dis-torção dessa ordem do que é (normalmente) exprimido permite-nos desvendar certas possibilidades do ouvir falar, sendo a autoprodução vocal uma paródia do regime da superprodução de idéias e de sua normalização discursiva. Não se trata de destruir o discurso mas de produzir um monumental "bricolage"... A

## Imaginário e educação

autoprodução vocal não é, para mim, mera réplica sensorial do que seria, em economia, a autogestão. Ao contrário, ela enuncia uma produção para nada, para o prazer que não capitalizará, que não acumulará, que não deixará muitas marcas quando cessar, por não ter organizado sua memória, nem a dos alunos... Somente que esse quase-nada não é um nada. Nos seus efeitos aproxima-se da gratuidade (igual) que é da ilusão, do sonho, do nada)... Com efeito, a Digressão remexe a lama, é industriosa, irrigando-se com um trabalho do organismo, nutrindo-se em rica ambivalência e duplicidade. Ela só pode agir obliquamente, transversalmente, desviando para seu uso as condutas (os condutos) da respiração e da simulação. Porque é com ar, com cordas, com foies, com seus músculos abdominais que ela fabrica sons. Não terá a elegância da mão que desenha suas proporções; de certo modo, ela arrotará suas frases, jogando com a visceral plasticidade dos esfíncteres, e é porque se trata sempre de desejo, de lixo, é que ela terá prazer em reestruturá-los indefinidamente... A digressão escolheu seu registro humoral, que nos parece mais uretral, seminal do que fecal. Mas a oposição não é total assim" (Sansot, op. p. 79-80). Sem dúvida que o registro arquetipológico-social e psicossocial (Paula Carvalho, 1991) será a fecundidade visceral e a abundância dionisíaco-quirinal das matrizes e matriciamentos do "envoltório psíquico" do "reino das mães" e da "imago fratriarcal" (da convivialidade conflitorial) que materna/matricia, com componentes, por vezes, do "toilet-breast" (Paula Carvalho, 1991), como evidenciam as pixações e as "depredações" (aqui o termo é impróprio, como via de regra, pois se trata de assimilação de uma linguagem do poder panóptico que desconhece o "cogito corporal" que tenta se expressar e, incompreendido das disciplinas sócio-culturais, ex-plode em paroxismos...), que, em nosso grupo, escondem as andanças, sendo berradas... e depois lidas... nos percursos. Eis aqui como uma fantasmática se põe sob a fantástica do corpo como organizador aleatório da circulação do grupo. Mesmo as aparentes - e mesmo que sejam precisas - leis da antropologia do gesto não serão "couraças

## Imaginário e educação

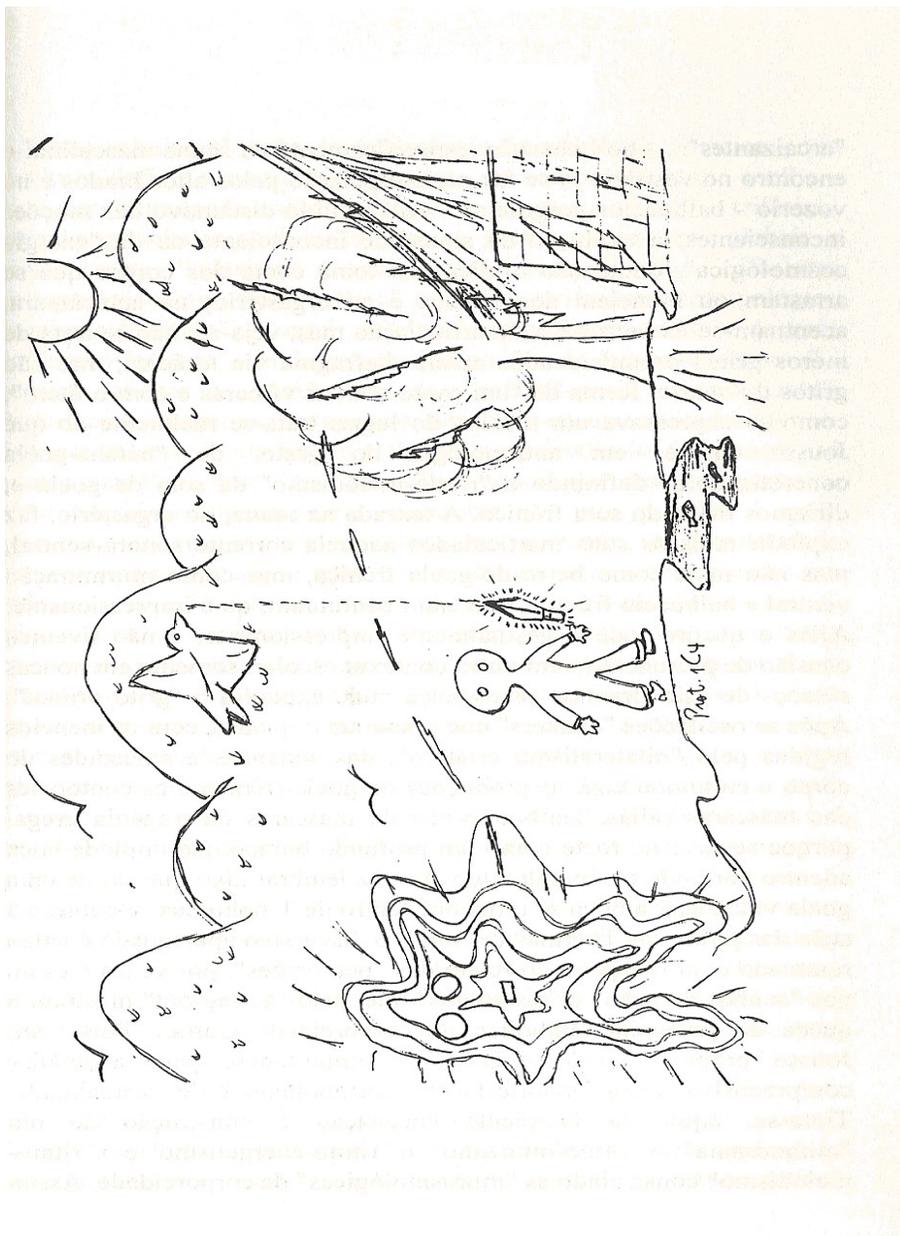
corporais" e incompatíveis com as considerações plásticas feitas, precisamente porque "sinuosas" captando as ondulações do fenômeno. Vejamos o que Jousse tem a nos dizer, no caso.

Lembremos alguns pontos da evolução dançarina e vocal de nosso "grupo do devaneio muscular". Aquilo com que lidam, a corporeidade corporeidade, está à margem da produtividade sócio-cultural; mas também o modo com que lidam: não se trata da regulamentada reprodução da espécie, de momento por exemplo. Ademais de lidarem, assim, com a Sombra coletiva, lidam-no de um modo a modo de "part maudite" (Bataille, 1986) e de onde não estão excluídos os "modos perversos" - aliás, mesmo na comunidade, há convivialidade franca e, mediante rituais adequados, muitos "estilos de vida perversos" enquadram-se nos quadros, sem que haja necessidade de constituição de ghettos e tribos -, onde há, de fato, horizonte sadio de tolerância, espaço de circulação fantasmática e de comunicação - não sem atritos, evidentemente, mas tais fricções são salutares para desvendamento da Sombra -, e mesmo se justapõem, se não se confundem nas sombras da noite do belo abismo sideral do céu de Ibirá, estilos moralizadores e retóricas da digressão. Por isso essas vivências outras do Outro são confortadas pelos horizontes cósmico e convivial. Mesmo as explosões valorativas e estilísticas compõem num "parentesco de zombaria", num "orgiasmo social" ou numa ética da goela primal (que tudo dissolve em produção visceral do som que se compraz e leva ao prazer coletivo do grupo). Estamos, em parte, sendo evasivos, pois essas considerações se reportam a nomes e a lugares... Por razões evidentemente éticas não poderemos decliná-los, porque de fácil identificação e constrangimento. Aqueles que pudermos fazer, logo mais se seguirão. Enfim, anotemos que nosso grupo é intermitente, fluido e arborescente, razão pela qual não podemos aplicar, senão com cautelas, a questão dos "organizadores".

Nosso grupo divaga e pervaga e no oscilar das andanças salta de um modo bem específico, meneia o corpo e sobretudo berra, mas sobretudo realiza também aerobacias estranhas como se moções

## Imaginário e educação

inconscientes tomassem conta do corpo. E isso fica mais explícito nos encontros ou adeuses. Mas mais ainda nos encontros fora do percurso; é o caso da barbearia onde a interpelação começa num teor discursivo-racional mas em brados e vai num crescendo evidenciando agressividade e troca numa convivialidade conflitorial que, à medida que se acentua, faz ceder a produção articulada aos estertores e espasmos buco-faríngeos, que culminam num ponto onde só há oscilação-modulação energética da corrente de ar e espasmos diafragmáticos e contorsões do rosto-máscara. Explode um saber frênico e o plexo solar dá o sentido ao fluxo de haustos. Isso fica mais ex-posto - porque aqui na barbearia a digressão da goela evolui, numa retomada ideativa sobre a imagem motora, a moção, para a composição entre convivialidade-agressão representada pelo "parentesco de zombaria", de difícil encontro hoje em dia, fora os meios



## Imaginário e educação

"arcaizantes" - no balneário, especificamente na sauna masculina: o encontro no vestiário já se faz na interpelação pelos altos brados e no vozerio - balbuceios-gorgolejos - sem sentido discursivo das moções inconscientes; a evolução da sinusóide inconsciente ou da "energia cosmológica", ondulação ofídica que toma conta dos corpos que se arrastam ou meneiam aos banhos e ao orgastério; na antecâmara, acentuam-se os berros e a desarticulação mas, veja-se, não se trata de meros gritos propulsionados acima diafragma via torácica, mas são gritos do ventre, forma de "um canto com as vísceras e com o útero", como se expressava um músico do lugar: trata-se realmente do que Jousse chama, em antropologia do gesto, de "náfshâ-goela concretizadora" definindo o "ritmo-melodismo" da som de goela e, diríamos mais, do som frênico. A entrada na sauna, no orgastério, faz explodir mais os sons inarticulados naquela corrente sonora-ventral, mas não mais como berro-de-goela frênica, mas como murmuração ventral e balbuceio frênico, mas num continuum, qu é impressionante. Aliás o quadro todo é gestualmente impressionante, e não tivemos ocasião de presenciá-lo em outro contexto escolar, somente em poucas sessões de psicodrama e psicodança onde explodiu o "grito primal". Após as oscilações "quakers" que iniciaram o quadro, com os meneios regidos pelo "bilateralismo criativo", das andanças e sinusóides do corpo e culminou com as produções da goela-frênica e as contorsões das máscaras (aliás, lembramo-nos de máscaras da tragédia grega, porque se cava no rosto como um profundo buraco que implode boca adentro por onde é expelido algo que faz lembrar algo que sai de uma goela vulcânica: a boca se torna um "antro de Trophonius" e começa a ação das pítiás das Thermas de Ibirá), o discursivo apaziguado é então retomado com o espaço do relato das "perversões", por vezes mesmo dos "sonhos de ação" e "devaneios" que, pelo "acting-out" mostram a queda do potencial simbólico da corporeidade Outra... Pois bem, Jousse propicia quadros da maior importância para a análise compreensiva dessas manifestações antropológicas de gestualidade. Trata-se, aqui, da incipiente encenação e construção de um

## Imaginário e educação

"mimodrama": o "ritmo-mimismo", o "ritmo-energetismo" e o "ritmo-melodismo" construindo as "mimismológicas" da corporeidade. Assim o "ritmo-mimismo" parte da ressonância da ambiência cósmica - que já vimos definir a magia das Thermas - na corporeidade que acolhe e joga (intussuscepção) com os fluxos de energia: interações trifásicas (agente-agenciador-agido) dispõem os gestos expressivos globais e orais como 'trifasismo cosmológico inconsciente', "trifasismo antropológico mimismo-cinético" e, enfim, "trifasismo antropológico mimismo-fonético". A seguir, o "ritmo-energetismo" - com os degraus do "ritmo-fasismo", do "ritmo-explosismo" e do "ritmo-vocalismo" - permite chegar ao fenômeno da "nafashâ-goela concretizante". Poderíamos ilustrar cada etapa com cenas observadas, isoladas ou não. Entretanto, será objeto de um trabalho mais detalhado. Cabe, aqui, só anotar com Bachelard: "... o grito. Para aquele que deserta o ponto de vista da primitividade como hierarquia nervosa, o grito é mero acidente, um rasgão, um arcaísmo. Ao contrário, a primitividade nervosa nos prova que o grito não é um derivativo, nem mesmo um reflexo. É essencialmente direto. O grito não clama. Ele exulta. O grito também é a antítese da linguagem... O jogo lingüístico cessa quando o grito retorna com suas potências originárias, com seu furor gratuito, claro como um "cogito" sonoro e energético: eu grito, logo eu existo como energia... Para compreender a hierarquia nervosa, é preciso retornar à potência do grito, nos instantes em que o ser que grita crê ter a garantia que seu grito "é ouvido nas camadas mais distantes do espaço". Esse grito originário nega as leis físicas como o pecado original nega as leis morais. Esse grito direto e assassino pode conduzir a ira, como uma flecha, ao coração do adversário..." (Bachelard, op. p. 113-114). É nesse sentido que podemos conceber e simbolicamente compreender, com Bril (Bril, 1989, p. 158 seg.), que a violência e a agressividade manducante antecedem a linguagem articulada, portanto o berro-goela ao "formulismo", o "reino das mães" em seus avatares ao "logos". É o campo de "mythos", que aqui deveríamos entender, com Bachelard, no esteio do Caillois de "O mito

e o homem": "É aqui que se coloca a equação fundamental de Caillois entre o homem e o animal: "Aqui uma conduta, lá uma mitologia". Aquilo que religa os atos do inseto numa conduta religa as crenças do homem numa mitologia. Um estudo aprofundado de "poesia projetiva" deve chegar a "projetar", uma sobre a outra, uma conduta animal sobre uma mitologia humana... As condutas agressivas e os mitos cruéis são, ambos, funções de ataque, princípios dinâmicos. Aguçam o ser. Não se trata somente de um saber fazer; seja no modo da conduta, seja no modo do mito, é preciso "querer fazer", é preciso energia para fazer. Então devorar prima sobre assimilar; mais, não se assimila senão aquilo que se devora. "(Bachelard, op. p. 144-145). E nosso grupo do "devaneio muscular" tem a potencialidade de monstros-devoradores... Eis no que pode dar o imaginário da digressão!

Pelos estudos realizados e pelo estudo detalhado dos protocolos evidenciando a cultura latente identificaríamos (Paula Carvalho, 1985, V.II. C. 2.) o imaginário do anônimo/ a-estrutural/educação expressiva como educação fática/ritos da socialidade em suas manifestações como ritos atópicos, ritos anomórficos, ritos da corporatura, ritos da proxemia, ritos intersticiais e da dejeção, acoplada em série aos efeitos da colusão/colisão entre as culturas patente, emergente e latente, mas fundamentalmente a última delas identificada como produção do universo da angústia em, no mínimo, contraponto conflitorial com as metas e propostas das demais "culturas do instituído". Portanto, o imaginário do anônimo - a-estrutural e o universo da angústia são o ponto focal da profunda dinâmica psico-social-cultural e organizacional do grupo, ainda que de modo velado, e não sabemos se e por que maneira algum dia revelado na dinâmica institucional. De qualquer modo, seja-o ou não, é o "analisador" (em preciso sentido de Lourau e Lapassade) da escola, o "nó de significações" de emergência das várias dimensões do inconsciente como Sombra.

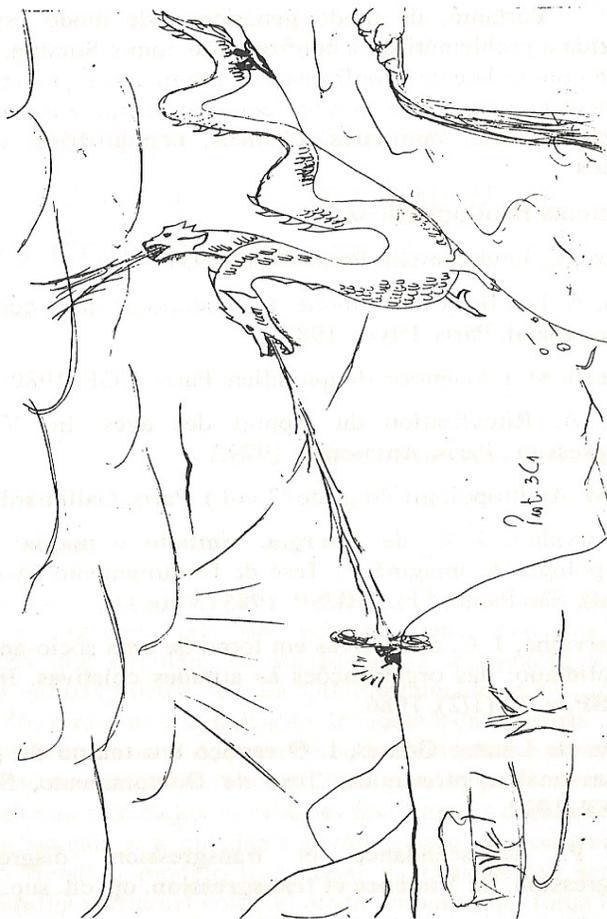
Na EEPSP João Pedro Ferraz o "complexo de Lautréamont" introduz o imaginário da digressão, clara modulação do

## Imaginário e educação

imaginário do anônimo/a-estrutural, ao mesmo tempo em que a linguagem da angústia - como catamorfia, sobretudo -, torna a corporeidade mensageira da manducação e da violência, como explosão gestual. Sabemos já, em Reich como em Jung, como o corpo é Sombra.

CONSTRUIR UM DESENHO COM OS SEGUINTE ELEMENTOS:

na queda, uma sapo, um relógio, um monstro decorativo, alguma coisa cúbica (que gira, que se repete ou que projeta), um personagem, figura, um animal, um vaso, uma planta, um objeto (que gira, que se repete ou que projeta), um animal, um vaso, uma planta, um objeto (que gira, que se repete ou que projeta), uma paisagem, um objeto (que gira, que se repete ou que projeta), um animal, um vaso, uma planta, um objeto (que gira, que se repete ou que projeta).



Portanto, de modo genérico e de modo específico, é introduzida a problemática da confrontação com a Sombra, que são as pistas da cultura latente. Confrontação, entretanto, seja com a Sombra como Inconsciente, seja a Sombra como arquétipo em seus aspectos vários: individuais, familiares, clânicos, comunitários, coletivos e biológicos.

### Referências Bibliográficas

- Bachelard, C. *Lautréamont*. Paris. Corti, 1939.
- Bourdin, A. *Les lieux de l'anomie*. In: *Sociologie de la connaissance*. J. Duvignaud. Paris, Payot, 1987.
- De Certeau, M. *L'invention du quotidien*. Paris, UGE, 1980.
- Ferrand, A. *Ritualisation du rapport des âges*. In: *Violence et transgression*. Paris, Anthropos, 1979.
- Jousse, M. *Anthropologie du geste* (3 vol.). Paris, Gallimard, 1974.
- Paula Carvalho, J. C. de **Energia, símbolo e magia**: para uma antropologia do imaginário. Tese de Doutorado (Antropologia Social), São Paulo, FFLCHUSP, 1985 (3 vol.).
- Paula Carvalho, J. C. de *Derivas em torno de uma sócio-antropologia do cotidiano: das organizações às atitudes coletivas*. In: **Revista FEUSP**, v. 12 (1/2), 1986.
- Rodrigues de Lima e Gomes, I. **O espaço e o tempo do prazer na escola**: análise proxêmica. Tese de Doutorado, São Paulo, FEUSP, 1992.
- Sansot, P. *Transcendance et transgression, disgression et transgression*. In: **Violence et transgression**, op. cit. sup.
- Solié, P. *Signe et symbole*. In: **Cahiers de psychologie jungienne**. Paris, nº 14, 1977.

Zweig, C. e Abrams, J. (orgs.) **Ao encontro da Sombra**, São Paulo, Cultrix, 1994.

## **As representações das crianças de rua sobre corpo e sexualidade através do discurso dos educadores**

**Kátia Fátima Marques dos Santos \***

As práticas das pessoas com relação ao corpo como cuidados, proibições e prazeres que se permite, são mediadas pelas representações que circulam na sociedade. O imaginário social é formado por vários projetos de vida simultaneamente: o pós-moderno que através dos meios de comunicação de massa e da indústria cultural nos leva a busca incessante do prazer e ao individualismo exacerbado. Já o projeto moderno (que está em declínio pela força do modelo pós moderno) valoriza o trabalho, as relações familiares, a regulamentação das relações sexuais e a cidadania como espaço de construção do homem. No Brasil o modelo tradicional da organização social de origem na família patriarcal colonial ainda possui muita força sobre o

---

\* Professora do Instituto de Educação da UFMT.

modo de vida. Sofremos também, a nível da construção das representações que regulam o nosso cotidiano fortes influências de culturas regionais de origem indígena e negra. Nossas representações ainda recebem um tratamento diferenciado em função de origem de classe e da condição de gênero. Para ficar entre os principais eixos norteadores das nossas ações cotidianas.

Sobre a influência da sociedade de consumo, valorizamos o corpo como o lugar do prazer e da beleza. A imagem e a estética se colocam acima de tudo. A indústria da moda, da ginástica, da plástica, dos cosméticos ditam os comportamentos com relação ao corpo. Já pelas concepções do modo de vida moderno são interditados ao corpo os prazeres sexuais. O sexo deve estar a serviço de estrutura social, para do fortalecimento da família e da cidadania. Na modernidade, o combate as doenças e a busca da saúde passam a regular as práticas cotidianas do viver. O discurso médico sobre o corpo ganha preponderância com relação as outras práticas.

No Brasil, as concepções modernas e pós-modernas sobre o modo de vida disputam a hegemonia no universo psicológico dos cidadãos da classe média e ricas. Estas diferentes matrizes de representações apresentam práticas para lidar com o nosso corpo que na maioria das vezes são antagônicas entre si. Presentes no nosso cotidiano nos levam a desejos contraditórios como prazer sexual, casamento indissolúvel, liberdade sexual, sexo seguro, forma física, gravidez, amamentação, vida sedentária, planejamento familiar. Nos setores populares estas vertentes de regulação do comportamento, estão presentes, mas sob o domínio das concepções de tradição rural herdadas do tempo do Brasil-colônia. Na cultura popular as representações sobre o corpo tem fundamentação pré-científicas, onde a religiosidade popular também interfere, dando lugar a práticas específicas com relação ao corpo.

A experiência dos educadores com as formas como as crianças de rua interagem com seu corpo nos permite visualizar algumas orientações com relação ao uso do corpo. Sob influência dos valores

católicos, há uma desvalorização do corpo, em detrimento da alma. Esta orientação combinada a falta de serviços médicos de caráter preventivo ou de qualidade para o povo está na base das práticas populares com relação ao corpo que se caracterizam pela não incorporação das preocupações modernas de cuidado com o corpo, no que se refere a prevenção de doenças (vacinas, medidas higiênicas, cuidados pré-natais e com alimentação).

As crianças de rua desconhecem o funcionamento do corpo, no que se refere aos processos de desenvolvimento, as funções reprodutivas, os cuidados de higiene corporal, os cuidados com recém-nascidos. As prescrições com relação ao corpo baseiam-se em credices, superstições e lendas, combinadas ao uso popular de chás e ervas da flora medicinal, repassadas por benzedadeiras, curandeiras e parteiras.

As concepções rurais sobre o corpo se sustentam (ainda) nos princípios do direito de vida e morte dos proprietários sobre as pessoas de suas sesmarias ou usinas. Com o agravante da prática legal da escravidão as relações sociais foram reguladas pela violência física dos poderosos sobre os vassalos e não pelo contrato social, com base na igualdade de todas as pessoas perante a lei.

A lei da violência física incluindo o extermínio é uma forma de relacionamento social presente até hoje nas camadas populares de origem rural, que não incorporaram ainda as concepções modernas das relações sociais baseadas nos princípios da igualdade e liberdade. Nestes segmentos as diferenças são resolvidas através da violência física.

As práticas de violência física contra crianças e mulheres se sustentam na concepção autoritária das relações sociais na qual os que detêm o poder podem fazer valer a sua vontade a força.

O abuso sexual sobre crianças, adolescentes e mulheres também tem sua prática justificada pela compreensão das relações sociais como sendo reguladas pela vontade dos mais fortes. Os mais fracos não tem direito de escolha. As práticas de violências sexual eram comuns e

aceitas com naturalidade. É com o advento da legislação moderna baseada nos direitos humanos que mulheres, crianças, negros começam a ser percebidos socialmente como sujeitos de direito.

Antigamente as pessoas aceitavam a violência como reguladora das relações familiares que funcionava porque não havia outros modelos alternativos para viver, mas quando, historicamente, surge a chance de se experimentar outras formas de vida longe da violência, as pessoas vão procurar vive-las, ainda que por outros fatores não consigam se afastar das relações sociais mediadas por ela. A prática das relações sexuais dentro da família também tem sua origem na sociedade tradicional que valoriza inclusive o casamento consanguíneo. É a preocupação moderna com a saúde dos filhos que leva a condenação dessa prática.

Para quem sabe ler as aparências, o corpo da criança de rua é a expressão nítida da luta diária contra a morte, nas suas mais diferentes manifestações. O corpo da criança de rua é um corpo que nos fala da resistência. Resistência contra a morte pela fome, pelo frio, pelas doenças, pela violência sexual, pela violência familiar, pela violência da contravenção.

O corpo da criança de rua é o corpo da espreita, em que a vida passa por um triz driblando a morte a cada esquina. É o corpo que dá a volta por cima da tentativa de morte. É o corpo de alguém que fugiu das estatísticas da mortalidade infantil e na luta, consegue viver um pouco mais. O seu corpo fala da pressa. Pressa de viver, porque sabe que o tempo é curto. O seu futuro é o aqui e agora. por isso, seu corpo também fala do desespero, da raiva.

A criança de rua parece ao mesmo tempo mais nova e mais velha do que a idade que tem. Mais nova porque costuma ser franzina, miúda, mais velha porque no seu corpo ficam as marcas da luta contra a fome, as doenças e os mal tratos.

Para conseguir manter-se viva a criança de rua precisa ser ágil. A agilidade é a condição número um, tanto física como mental. A agilidade, a rapidez, a sagacidade, o saber espreitar, esquivar-se e o

mudar de cara e de lugar são condições indispensáveis para o estar na rua. Na rua é preciso saber adaptar-se. E o corpo da criança nos mostra a adaptação às condições de existência muito adversas.

O corpo da criança/adolescente de rua é a expressão da ausência de direitos quando comparado ao corpo da criança adolescente que tem acesso aos bens e conquistas da modernidade. É um corpo que nos toca, nos constrange. Pois, fala essencialmente de tudo que o corpo de criança/adolescente deveria ser, mas não é. O corpo da criança nos fala de um presente que marca indevidamente o futuro do ser humano, às vésperas do ano 2000.

O corpo da criança de rua é um corpo marcado pelas doenças da falta de higiene, tais como: coceiras, micoses, manchas, feridas, falta de dentes (cáries), doenças da subnutrição, anemias, palidez, doenças sexuais, doenças respiratórias e doenças da desinformação.

O corpo da criança de rua conta também a história dos maus tratos e da violência generalizada. É um corpo marcado pelas cicatrizes, hematomas, fraturas. É um corpo que com frequência aparece como espetáculo de violência nas folhas policiais dos jornais. É um corpo que aparece nas estatísticas de acidentes, espancamento, vítimas da violência familiar, da violência policial, da contravenção e nos relatórios das entidades de proteção da infância. É um corpo que aparece com as marcas da violência sexual, diariamente nas esquinas, nos becos, nas casas de família, nas instituições de ressocialização.

As experiências de agressão contra o corpo da criança de rua tem conseqüências marcantes no seu universo psíquico e na sua relação com o corpo. A convivência diária com a possibilidade de aniquilamento físico destrói nas crianças/adolescentes de rua a crença efetiva no desejo da mudança de vida para melhor. Leva as crianças a enveredarem pelos caminhos perigosos da contravenção e viverem como se suas vidas não valessem nada. pois, não conseguem controlar as suas condições de vida. Estão sempre a mercê de outros., como não podem planejar ações que caminhem no sentido da materialização de um projeto de vida, já que a todo momento estão entre a vida e morte,

## Imaginário e educação

não lhes resta outra saída a não ser assumir cada vez mais situações que colocam sua vida em risco. Essa postura de vida se manifesta na forma das crianças /adolescentes lidarem com o próprio corpo, que aos nossos olhos se manifesta como desvalorização, ou pouca importância que as crianças dão ao que lhes possa acontecer.

A desvalorização, falta de importância que se dá ao corpo é uma forma de negação de uma realidade tão dura. Faz-se de conta que o perigo das situações não existe. Ou ainda, foge-se para o mundo das drogas.

Uma outro modo de lidar com a ameaça a sua existência é desenvolvendo sentimentos de onipotência que se manifestam sob a forma de querer ser tão poderoso como os agressores.

Há também os que para lidar com as situações de perigo eminente, desenvolvem comportamento de auto-agressão, como usar drogas mesmo sabendo que faz mal, mutilando-se, acidentando-se ou não se protegendo.

Essas formas de interagir com corpo se sobrepõem às experiências prazerosas, porque em suas vidas o prazer é sempre fugaz. A falta, a necessidade e a ausência é que são os companheiros constantes. A fugacidade da experiência dádiosa, fortalece nas crianças e adolescentes de rua a inconstância nas ações e as mudanças repentinas de humor.

As crianças de rua mais pequenas não têm nenhum hábito higiênico e nem se preocupam com isso. Vestem qualquer roupa, não ligam se elas estão sujas ou limpas. Tomam banho porque é divertido e não porque é necessário. Costumam usar roupas que ganham das pessoas. Gostam também de trocar de roupas entre si. Alguns gostam de camisetas grandes ou com mangas porque protegem do frio à noite. Costumam usar três, quatro blusas, uma por cima da outra porque não tem onde deixá-las. Quando as roupas vão ficando muito sujas tiram a de cima e jogam fora.

Já os meninos maiores se preocupam em usar a roupa como forma de negar sua origem social : querem usar roupa de marca e

## Imaginário e educação

roubam ou fazem varal para adquiri-las. Em bandos, cercam adolescentes e jovens para roubar tênis, camisetas, calças de grifes. Gostam de perfumes, são loucos por tênis e acessórios como bonés, cordões, relógios, óculos. Há muita troca entre eles, por bem ou na base da força.

As meninas também são bastante vaidosas, e diferentemente dos meninos conseguem não dormir nas ruas, arrumam locais para banhar-se. Influenciadas pela indústria da moda, gostam de maquiagem, particularmente batom. Adoram roupas de cotton, ou jeans. Usam a roupa como recurso de sedução. Não ficam produzidas o dia todo, se produzem mais para o horário dos “programas” ou quando saem para vender alguma coisa. Gostam de calcinhas sexies e de bijuterias. Trocam muito entre si. Costumam brigar por causa de roupas e bijuterias.

Os conflitos da identidade racial se manifestam na relação com os cabelos. Sonham com os cabelos longos, alisados. Para elas é difícil manter permanentemente o cuidado com os cabelos e com os dentes. Usam muito chiclete para disfarçar a falta de cuidado com os dentes, ou ainda o álcool. O cheiro de bebida supera qualquer mau hálito. Sonham em trocar os dentes, que vão perdendo pela chapa, desejo comum entre o povo que não tem condições de higiene para tratar e manter os dentes.

As roupas são ganhas de fregueses e patroas ou trocadas no interior do grupo. Nas regiões mais frias, os meninos/meninas protegem-se com cobertores ganhos de instituições e pessoas ou roubados. Não costumam adaptar as roupas às condições climáticas. Mas, de uma maneira geral, em grande parte do país não há frio, há chuvas.

As crianças e adolescentes de rua sempre perambulam pela cidade e conhecem casas. Às vezes, até prédios fechados ou abandonados. Costumam dormir nestes lugares, ou ainda em bueiros, saídas de ar dos prédios e em marquises dos mesmos. Evitam dormir em praças, só se estiver drogado ou desenturmado, pois é mais perigoso.

## Imaginário e educação

Costumam rodar nos mocós, quando o esconderijo começa a ficar visado. Usam papelão para proteger-se do frio ou dormem todos juntos.

Para satisfazer as necessidades fisiológicas, as crianças/adolescentes procuram um local mais escondidinho: atrás de árvores, moitas, carros, colunas, halls, muros.. Não há muito pudor ou vergonha.

A criança de rua é bastante resistente às doenças, quando se analisa as condições precárias do ambiente em que vivem e todos os riscos a que estão expostas. Porém, não há saúde que resista indefinidamente às adversidades. Crianças de rua ou adolescentes acabam por se transformarem em grupos de riscos de incidência de doenças que se tornam crônicas ou levam a morte, como infecções uterinas, SIDA, doenças respiratórias.

Por terem uma visão pré-científica do corpo, não estabelecem nenhuma relação entre doenças e prevenção através de higiene. Não têm a menor noção sobre os processos internos do corpo: como digestão, excreção, reprodução, processos inflamatórios, etc. As representações que possuem sobre o corpo, além de favorecer ao contágio de doenças derivadas da falta de higiene, dificultam a participação da criança e adolescente no processo de cura.

As crianças e adolescentes de rua só procuram atendimento médico quando caem ou não conseguem se levantar e são levados por outros. Quando se sentem mal, têm prática de se automedicar pelas indicações de outras pessoas. Não seguem o tratamento médico, porque não vêem nenhuma relação entre a doença e a medicação. Melhorando um pouco, param o tratamento. É claro que é muito difícil seguir uma orientação médica quando se está na rua. Só vão ao médico acompanhados por agente de alguma instituição. Quando internados, fogem.

As doenças mais comuns são as de pele, como micoses, panos brancos, sarna, escabiose, chato, feridas e furúnculos; respiratórias, causadas pelo uso de cola e cocaína, tosses crônicas, infecção na garganta; dor de dente; dor de ouvido; doenças sexualmente

## Imaginário e educação

transmissíveis, tipo sífilis, corrimentos dos mais variados; queimaduras; cortes e fraturas.

Os mitos e tabus encontrados entre crianças e adolescentes de rua sobre o corpo e as práticas sexuais são os mesmos que fazem parte das representações sociais dos segmentos populares, e sua função é normatizar a relação com o corpo, interditando as práticas proibidas. Percebe-se as seguintes matrizes valorativas nos mitos e tabus mais comuns entre as crianças e adolescentes:

1 - Mitos que foram construídos com o sentido de normatizar as práticas sexuais na modernidade e que visam restringir a vida sexual ao casamento nos limites do amor conjugal entre homem e mulher adulto. De uma maneira geral os mitos estigmatizam as práticas sexuais que afastam o sexo da função reprodutora, condenando a sexualidade infantil, homossexual, oral, anal e masturbação. A base de mistificação de sexualidade pelos valores modernos apoiam-se em argumentos que apontam para a perda da saúde física e mental.

A masturbação é alvo de muitos mitos: masturbar com frequência atrofia ou faz crescer o pênis, faz nascer cabelo na mão, leva à impotência masculina, faz nascer espinhas no rosto, aumenta os músculos do rosto, ou ainda “deixa o juízo fraco”

Outra fonte de restrição da sexualidade é de caráter moral: as práticas sexuais para além da função reprodutora (sexo anal, oral, exibicionismo, voyerismo) são condenadas como imorais e recebem o estigma de “sem-vergonhices”.

Um tabu muito forte entre os meninos e meninas é o da virgindade e tem o papel de restringir a sexualidade anterior ao casamento. Perder a virgindade fora do casamento faz a menina cair na vida, as pessoas referem-se a experiência de iniciação sexual das meninas como desqualificadora “ela se perdeu”, “eu me perdi”, “eu sou perdida”. A forma como se inicia a vida sexual define a condição moral da mulher: direita ou da vida.

Além da condenação moral, certas práticas também recebem o estigma do desequilíbrio tanto mental como físico. O homossexualismo

e as outras modalidades de sexo são consideradas anomalias, as famosas “taras”, sinal de falta de saúde física e mental: é “doença”, “sem-vergonhice”, “falta de vergonha na cara”, “falta de porrada”, “tarado.”

2.- Tabus e interdições de origem religiosa que vê o corpo como fonte de todos os pecados e estigmatiza as práticas sexuais que visam o prazer como luxúria. Só a função reprodutora da sexualidade é permitida, coberta pelo manto do respeito, do recato e dos deveres conjugais. Sexo é pecado e só o sacramento do matrimônio purifica tanto o sexo em si como a prole. É proibido aos cônjuges o uso das formas de controle de natalidade, pois quem não quer filhos não deve praticar sexo. Entre as formas de controle de natalidade a visão religiosa condena com bastante veemência a prática do aborto, que é muito comum entre solteiras e casadas.

As crianças de rua vêem sexo como pecado, condenam as meninas por transarem sexualmente, por não serem fiéis. As concepções religiosas sobre o corpo estão presente nos conflitos e sentimentos de desvalorização e culpa que as meninas carregam com relação a imagem de mulher.

3 - Concepções pré-científicas sobre o funcionamento do corpo, a origem e tratamento das doenças.

Há um total desconhecimento sobre as funções do corpo, particularmente os referentes aos processos de desenvolvimento corporal, como as características sexuais secundárias, os processos de reprodução, menstruação, gravidez. As explicações que têm sobre o funcionamento do corpo são em geral responsáveis pelo alto índice de gravidez e doenças.

As meninas acham que podem interferir sobre a formação dos seios, definindo o seu tamanho através de simpatias como esquentar a colher e colocar em cima do seio para que ele seja pequeno: pegar uma xícara virgem, benzê-la e colocar no seio para que ele seja do tamanho da xícara. Há mitos que fortalecem o tabu da virgindade: as meninas pensam que a sua perda deixa marcas no corpo como palidez, ou alargamento dos quadris. Para elas o homem só de olhar sabe quando a

menina não é mais virgem. Pensam ainda que a menina que mantém muitas relações sexuais fica com a vagina alargada.

A menstruação é outro assunto rodeado de tabus. Ficar menstruada é como se estar doente, não se pode comer certas coisas, como frutas cítricas, tomar banho, lavar a cabeça, tomar banho de mar ou rio. Manter relações durante a menstruação pode engravidar. Um mito freqüente entre a maioria das meninas e mulheres é pensar que a menstruação, ou ainda os dias que a precedem ou a seguem é o período fértil, ou ainda que manter relações durante o período menstrual enfraquece ou adoce a mulher e que manter relações durante o período menstrual suspende a menstruação. Para lidar com a sensação de mal estar que acompanha a menstruação as meninas usam chás e garrafadas.

4 - Mitos resultantes da interação entre a cultura burguesa e a cultura indígena ou negra e que revelam a manutenção de práticas sexuais condenadas pela moral burguesa.

No Amazonas existe o mito da gravidez através do boto: se a menina estiver menstruada e for tomar banho de rio, pode engravidar do boto. A gravidez através do boto justifica a aceitação da gravidez fora do casamento. Há também o mito de que se a menina pisar em escama de peixe fêmea quando estiver menstruada, quando engravidar o filho pode nascer defeituoso; há também o mito de que "mijar contra o vento" dá doença venérea para os meninos.

Natural. Pecado. Prazer. Prazer e pecado. Agressão. Violência. Afirmção pessoal. Estratégia de sobrevivência. Estes são alguns dos significados que a experiência sexual adquire na vida da meninada de rua. A variedade de termos, afinal foram trinta atribuições diferentes, reflete que o papel da sexualidade é mais complexo do que aparenta ser. Como num caleidoscópio a cada movimento aparece um significado novo. Pecado é o sexo que faz com o freguês. Prazer é o sexo carinhoso feito com o /a namorado(a) tão desejado. Natural são as descobertas sexuais que rolam entre companheiros de batalha. Natural é, também o sexo com carinho que rola entre amigas, ou ainda o troca-troca entre os meninos. Violento é quase sempre a iniciação sexual das meninas, é

também o sexo com autoridades do pedaço. Sujo e promíscuo é o que a sociedade pensa sobre a sexualidade das crianças

A sexualidade ocupa um lugar de destaque no universo psicológico do cidadão contemporâneo. Seja através do discurso normatizador da modernidade ou ainda no projeto liberalizador da pós-modernidade; a sexualidade está, cada vez mais, no centro da vida afetiva.. Aspecto central na constituição da subjetividade a sexualidade torna-se depositária dos anseios de felicidade, a ela atribui-se o sucesso ou fracasso da vida amorosa, do projeto matrimonial, investe-se, ainda, como símbolo de poder. E não é diferente com os meninos de rua.

O imaginário sexual dos meninos e meninas de rua de uma maneira geral segue as normas, os preconceitos e permissões da sociedade. Os meninos são machões, quando namoram querem exclusividade. É importante frisar que os adolescentes de rua usam de subterfúgios para separar as situações que envolvem o sexo como trabalho, das que o relacionam com a afetividade.

As meninas brigam por causa de namorados quando acham que está havendo alguma infidelidade. Ainda que as relações afetivas durem pouco tempo, dias ou semanas, há aquelas que resistem mais. As meninas vivem o relacionamento amoroso como se fosse um namoro e sonham em casar e constituir família.

As concepções e práticas sexuais dos meninos/as de rua é em sua quase totalidade conservadora. Sua experiência sexual é restrita aos padrões sexuais convencionais: preferem o sexo papai-mamãe. Em sua maioria tem nojo, acham anormal sexo anal ou oral. Os meninos querem e buscam uma sexualidade genital. As meninas quase nunca tem prazer genital, gostam mais das carícias que precedem a penetração.

A maioria das meninas não conhece o orgasmo, não se masturba, desconhece bastante o funcionamento do corpo. Sabem fazer cena, fingem prazer. Levam muito tempo, anos, para conhecer o prazer sexual pois é necessário uma vivência que permita a ressignificação das

experiências sexuais. Buscam mais o amor do que o prazer sexual. Fazem sexo como estratégia de sobrevivência.

A maioria das meninas que lançam mão da prostituição como estratégia de sobrevivência, não gostam de fazê-lo, fazem-no ao menor tempo possível apenas para conseguir o indispensável, e sempre que podem utilizam-se de outros subterfúgios, como o roubo, para evitar a prostituição.

As meninas não sentem prazer, têm vergonha de tirar a roupa, querem que o programa seja o mais rápido possível. Bebem, usam drogas ou trabalham juntas para terem coragem de fazer o programa. Fingem que gostam, por que faz parte do show e nenhum freguês quer pagar para a mulher-menina ir para a cama com ele como se fosse para um enterro.

Esse tipo de contato com a sexualidade é visualizado pelos educadores como instintiva, já que está separada do amor ou de outro sentimento valorizado positivamente. Percebe-se muitas vezes que as crianças-adolescentes usam o sexo como uma forma de agressão à sociedade ou a si próprias. Alguns adolescentes quando estão com raiva de si mesmo deixam-se ser possuídos por todos os conhecidos que chegam a fazer fila esperando a sua vez.

Uma outra manifestação da sexualidade como estratégia de sobrevivência é o seu uso para a manipulação do grupo. Só depois de aceito pelo grupo que uma criança encontra possibilidades de sobrevivência no universo da rua. Essa aceitação possibilita o conhecimento dos códigos e regras que viabilizam a permanência. Assim, há certos rituais para se merecer a confiança, o apoio e a proteção de grupos cujas regras são rígidas e a hierarquia bem definida.

O uso da sexualidade também é regulamentado pelo código da rua. O significado da experiência sexual varia em função dos atores, se interno ou externo ao grupo, do gênero (menino ou menina), da faixa etária e, do tempo de permanência na rua.

O grupo de pares é o espaço privilegiado para reciclar as experiências sexuais das crianças e adolescentes, transformando pecado

em prazer. Particularmente para as meninas, o início sexual é na maioria absoluta das vezes marcado pela violência. Mesmo que não se torne prostituta, dificilmente a menina consegue sobreviver na rua sem ter que usar a sexualidade como estratégia.

O imaginário social ainda percebe o lar como o local de reclusão do sexo feminino, aquelas que por diferentes motivos tenham que ficar no espaço público, serão desqualificadas e tratadas como objeto de prazer, ainda que sejam crianças ou pré-adolescentes.

Na rua, o sexo feito com os atores de fora dos grupos de pares tem a função de estratégia de sobrevivência. Já no grupo, o aspecto da sexualidade como estratégia de sobrevivência, ainda que presente em duas situações específicas, desempenha um papel bem menor. As meninas que disputam a preferência amorosa dos chefes visam adquirir prestígio e privilégios junto a outros meninos e agentes fora do grupo.

Por outro lado, a menina nova que chega no "pedaço", sempre é assediada por todos e quem apresenta a menina tira as vantagens do desejo de outros sobre ela. Com a permanência da menina no grupo a situação de assédio se normaliza e as relações entre meninas e meninos se faz baseado em afinidades, interesses e necessidades comuns.

Diferentemente do que muita gente pensa, o sexo não é um interesse central na vida das crianças e adolescentes de rua, pois estas tem que batalhar duro para conseguir sobreviver cotidianamente. Enquanto as crianças de outros grupos sociais tem uma rotina que garante a satisfação de suas necessidades, as que estão na rua tem que correr atrás de comida, banho, abrigo, proteger seus pertences, etc. Concretamente a maioria das crianças que estão na rua não ficam pensando ou fazendo sexo

A criança de rua não tem um interesse maior por sexo do que as outras crianças. Ela não é mais taradinha, ou tem uma perversão a mais. Ela simplesmente está exposta a s intenções sexuais de pessoas que se interessam sexualmente por crianças e pensam também que estas estão na rua a procura de aventura, já que rua não é lugar de criança, particularmente para as meninas. As pessoas que tem estes interesses

são um elo central na cadeia que alimenta as atividades da prostituição infantil. São elas que levam as crianças, particularmente as meninas a transformar o sexo em estratégia de sobrevivência.

Para os meninos e meninas de rua a sexualidade adquire os dois significados simultaneamente. Dependendo das circunstâncias acionam um significado ou outro, como mecanismo psicológico para, dar conta de, mesmo com a experiência de violência e da humilhação na vida sexual, abrir espaço para o prazer e a felicidade. Os meninos e meninas de rua vivem num mesmo momento, ou ainda em momentos diferentes de sua trajetória na rua significados contraditórios da vivência sexual. Para conciliar pecado e prazer aprendem com o tempo a ter no mínimo dois códigos para se comportar: um para o mundo da ordem, em que reconhecem as leis e normas dominantes na sociedade que em suas vidas se reflete em experiências de dor, abandono e agressão. O outro, a lei da rua, aprendida na convivência com o grupo de pares permite a criança ressignificar suas experiências passadas.

A iniciação sexual das crianças de rua começa cedo, se tomarmos como normas as referências modernas sobre o desenvolvimento psicossocial do indivíduo que percebe a criança como assexuada. Os educadores de praticamente todos os locais onde foi realizada a pesquisa, referem-se à iniciação sexual das crianças de rua como sendo por volta dos seis aos oito anos. Se esta iniciação é feita através de crianças, nada há de anormal. Pois, já no final do século passado, Freud desafiava os referenciais modernos de repressão da sexualidade infantil demonstrando que as crianças não era assexuadas e tinham uma sexualidade própria.

A preocupação da sociedade com relação ao rumo que o desenvolvimento sexual das crianças possam tomar, faz-se necessário caso se verifique que a iniciação nesta idade está sendo feita por adultos. O abuso sexual por parte de adultos, gera atitudes de medo, insegurança, agressividade, morbidez ou ainda perversões sexuais nas crianças vítimas de tais práticas.

## Imaginário e educação

Em qualquer idade que seja a iniciação sexual das meninas, ela costuma ser violenta. O abuso por parte de familiares adultos é quase sempre na pré-adolescência. Algumas vezes, a iniciação se dá através de algum rapaz que ela conhece na porta da escola, no clube, na lanchonete e ingenuamente o acompanha para namorar. Nestas circunstâncias, costuma se pressionada a manter relações sexuais forçada. Entre algumas meninas, a iniciação ocorre no trabalho, em casa de família ou no escritório. A iniciação sexual é marcada por uma mistura de ingenuidade e inexperiência da garota, que na maioria das vezes não sabe o que vai acontecer. Geralmente a experiência sexual desse tipo é acompanhada de sentimentos da desvalorização de si própria. Pois, a virgindade das filhas é um valor importante para os pais das crianças e adolescentes das camadas mais pobres.

Depois do abuso sexual por parte de familiares ou do “namorado”, outra forma comum de iniciação na rua é pela mão da amiga, que induz a menina a vender a si própria. O aliciamento das meninas é feito também pelas mulheres que em nome da sua proteção na rua como roupa, comida, abrigo são obrigadas a trabalhar para elas. Há outras formas de aliciamento em que as chances da menina escapar ao esquema de prostituição é mais difícil.

Difícilmente uma menina que vai para a rua vender algo, conseguirá manter-se na rua sem completar seus rendimentos com a comercialização do seu corpo.

O abuso sexual contra meninos pode levá-los à preferência homossexual, interferindo em sua expressão de identidade sexual: assumem os estigmas de bicha ou travesti. Podem também assumir opções sádicas ou masoquistas na relação sexual.

Na rua, a maioria dos meninos inicia o relacionamento heterossexual num período posterior ao das meninas pois, demoram mais para pegar corpo. As meninas e as mulheres preferem escolher para se relacionar sexualmente os rapazes com corpo de homem. Assim, a iniciação sexual dos meninos é com menino mesmo ou com adultos homossexuais que procuram os rapazotes. A experiência sexual com

meninas não é comum, pois, eles não têm dinheiro para pagar, dependem de certas circunstâncias, com esperar que alguma menina se auto-agrida fazendo maratonas sexuais, e que por algum motivo se deixe possuir por todos os meninos e homens do pedaço. Pode algumas vezes, em troca de favores merecer uma transa sexual desejada há muito tempo.

O sexo vivido como estratégia de sobrevivência tem como conseqüência seqüelas na auto estima das crianças e adolescentes que se manifestam sob a forma de frieza, medo e violência nas relações com adultos e outras crianças e consigo próprio.

É no grupo de pares que as crianças adolescentes vão trocar confidências e experiências, como paixões sexuais e namoros. No grupo a sexualidade é experimentada na forma de afeto, carinho, brincadeiras, descobertas de si e do outro. A adolescência é um período de desenvolvimento psicológico do indivíduo marcado por crises. Estas crises resultam da necessidade de abandonar os papéis infantis, de aceitar as mudanças corporais que chegam com a puberdade e de construir relacionamentos diferentes com os pais. Adolescência, período em que nem se é mais criança, mas que também não se é adulto ainda. Época difícil de se viver. Muito choro, muita crise, muita revolta, muita depressão.... imagine como a adolescência não deve ser mais complicada entre a garotada da rua.

É na adolescência, que meninos e meninas a partir da experimentação dos papéis femininos e masculinos definem a sua identidade. Entre as principais fontes de conflito psicológicos nos adolescentes estão as mudanças corporais, em particular as relativas as características sexuais e reprodutivas.

Os adolescentes que estão nas ruas têm estes conflitos aumentados por já trazerem experiências de violência e abuso sexual que interferem na maneira do adolescente lidar psicologicamente com o surgimento das novas funções do corpo : as sexuais e as reprodutivas. Além desses elementos, o adolescente na rua tem que lidar com a desinformação prática sobre o funcionamento do corpo e as dificuldades

de controlar a relação das outras pessoas e consigo próprio. (Uma adolescente não irá deixar de fazer um programa porque o freguês não quer usar camisinha). O adolescente de rua fortalece os mecanismos psicológicos de negação da realidade, para conseguir enfrentar o medo ao desconhecido e às pressões que sofre, a raiva e o desespero que sente por estar em condições de submissão ao desejo do outro, a violência do outro, enfim, as vontades do outro. Para enfrentar a raiva, o desespero, o medo utiliza-se de sentimentos de onipotência, tipo nada acontece comigo ou se acontecer eu dou conta de me virar. Por outro lado querem que os outros passem pelo que estão passando: não são piedosos. Desenvolvem sentimentos de crueldade pois afinal a sociedade não tem piedade deles.

O universo das relações sociais na rua é diversificado e com estruturas relativamente sólidas: os grupos de crianças e adolescentes se organizam em função das atividades que desempenham. A idade é um fator preponderante no desfecho da trajetória da criança na rua. Conforme vai ficando maior, mais difícil é para ela ganhar dinheiro nas atividades legais, e mais a mercê ela fica do circuito social que movimentam as atividades ilícitas como roubo, prostituição e drogas. A partir de sua pertinência ao grupo as crianças e adolescentes se relacionam com outros atores importantes para a sua sobrevivência na rua; fregueses, interceptadores, policiais, comerciantes, assistentes sociais, educadores de rua, etc.

Uma vida sexual ativa ou ter muitas garotas para desfilar acontece apenas para os poderosos de força física ter a posse de algum bem, passaporte de poder, como drogas, ser chefe do grupo, ser bonitão ou ainda, ter fama de ser gostoso com as mulheres

As meninas em geral não se satisfazem com os rapazes que querem uma sexualidade genital, tipo papai e mamãe ou feijão com arroz. Estas preferem abraços, beijos no corpo, palavras no ouvido, juras de amor à penetração. Assim, aos poucos, rapazes que sabem caprichar no prelúdio são os mais disputados entre meninas e mulheres que fazem de tudo para possuí-lo só para si.

## Imaginário e educação

As atividades amorosas e sexuais entre meninos e meninas costuma não ser freqüente entre todos os meninos e rapazes. Pois, os meninos devido à formação machista, tem dificuldade em se relacionar com as meninas e conseguir ganhá-las na conversa. Entre eles, alguns usam de violência para conseguir sexo. Outro motivo que dificulta o relacionamento sexual das meninas é o faato delas preferirem os meninos maiores. Entre os garotos a masturbação é uma alternativa quando não se consegue transar com o sexo oposto.

A relação homossexual é bastante comum entre os meninos e as meninas como complemento da atividade heterossexual. Entre as meninas, a atividade homossexual assume significado de dar e receber carinho. Mas, às vezes, é usada no trabalho. Fregueses gostam de ver 2 meninas se acariciando. Entre os meninots, a atividade homossexual é uma forma que precede a heterossexualidade.

A opção homossexual tanto dos meninos como das meninas tem bastante aceitação dentro do grupo. Há violência e gozação por ele ou ela ser desse jeito, mas, nada diferente do tratamento dado quando se tem outras características particulares, como ser gordo, aleijado, fanho, voz aguda. Todas as diferenças são motivos para se tirar um sarro em cima. Ridicularizam a si próprio e aos outros o tempo inteiro. A violência dentro do grupo com o colega homossexual está associada ao sadismo e masoquismo bastante comum nesse tipo de relação. Mas, não extrapola outras esferas de comportamento. O colega homossexual é tão querido quanto os outros.

Porém, é comum a violência de meninos e rapazes contra homossexuais do grupo, fregueses ou transeuntes. Os meninos de rua quando tem oportunidade são violentos com pessoas externas ao grupo, que por um motivo ou outro sejam discriminadas. Devolvem nos mais fracos a violência de que são vítimas na sociedade.

Entre os meninos a masturbação 'e uma prática sexual bastante comum, feita sozinha ou em grupo. O masturbar-se faz parte do processo de educação sexual dos meninos. É comum os meninos fazerem comparação sobre o tamanho dos respectivos pênis e sobre a

quantidade de esperma. Masturbam-se fantasiando sobre a menina nova do "pedaço", recorrendo a recursos visuais, como revistas pornô, fotografias. Imaginam, às vezes os educadores.

Nas instituições de privação de liberdade é comum encontrar os meninos se masturbando, além deles gostarem de comentar sobre o assunto.

A prática da masturbação é condenada pela moralidade moderna, que busca restringir a sexualidade a função reprodutiva dentro do lar. Sendo assim, é comum que os meninos apresentem um discurso contraditório, encarando-a como algo pecaminoso, perigoso ou no mínimo duvidoso. Existem uma série de mitos, criados pelo ideário moderno, para coibir a procura do prazer solidário.

Conforme vão ficando maior, os meninos também hesitam em falar sobre o assunto. Pois, ele é indicador de que o menino não tem um relacionamento heterossexual. Pressupõe-se que o rapaz que se masturba não tem namorada, ou não consegue arrumar mulher. Como descolar parceiro sexual, ou ter alguém é indicativo de status social dentro do grupo, é melhor não se comentar que se masturba.

Já entre as meninas, a masturbação não é comum. Elas desconhecem a anatomia feminina. De uma maneira geral sofreram não só muita repressão no que se refere à descoberta da sexualidade genital, como foram e são vítimas constantes de abuso sexual, o que dificulta a emergência de situações que levem a descoberta do prazer pela masturbação.

É comum o desconhecimento sobre o funcionamento do aparelho reprodutor entre os adolescentes em geral., nos adolescentes de rua, este desconhecimento somado a falta de condições de manutenção da saúde como, higiene, medidas preventivas de controle da gravidez e de doenças e ainda as concepções pré-científicas sobre o corpo acarreta alta incidência de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis.

As meninas de rua confundem menstruação com período fértil, e pensam que a menstruação favorece a contaminação de doenças sexualmente transmissíveis. Quando estão menstruadas procuram ficar

mais quietas. Vivem a menstruação como um grande incômodo. Quando estão menstruadas forram-se com papel higiênico, colocam várias calcinhas, ou usam ainda paninhos. Entre os diferentes métodos de lidarem com a menstruação o mais comum é usar mais papel, como muitas adolescentes dos bairros de periferia.

Não acompanham o seu ciclo menstrual, particularmente porque não tem estrutura de noção matemática do tempo como se constituindo de dias, semanas, meses, tem dificuldades em estabelecer equivalências entre dia, semana e mês. Não sabem a relação existente entre falta de higiene e proliferação de microorganismos. Tem vergonha e medo de falar sobre qualquer sintoma de doença sexual, inclusive sobre os corrimentos. Elas falam sobre o corpo, a partir de relação de trabalho com o mesmo, ai discutem se fazem assim ou assado, comentam as propostas dos fregueses. Mas não se sentem a vontade para falar sobre o que acontece com elas de fato.

### **DSTs: o lugar do desconhecimento**

As iniciativas de programas de prevenção no campo das DSTs, ainda não surtiram efeitos sobre as crianças e adolescentes que estão participando de projetos. É necessário uma intervenção de anos para provocar mudanças de atitudes. A temática educação sexual, as práticas de controle da reprodução são ainda polêmicas e não se fazem presentes entre os jovens das camadas mais pobres. Muito menos entre os meninos de rua. Ainda que eles obtenham acesso às informações sobre os perigos, as campanhas não possuem força para criar novos hábitos ou mudar condicionamentos antigos.

Se até os jovens de camadas sociais com mais informação resistem às práticas do sexo seguro, a questão é muito mais grave entre as crianças de rua que se transformam em grupos de risco.

## Imaginário e educação

Os educadores que acompanham grupos de meninos há muitos anos vêem a tragédia da SIDA se expandir dos drogados para os homossexuais e para os fregueses das meninas, e destas para seus filhos.

Os métodos preventivos não funcionam porque eles esbarram com as representações sobre o funcionamento do corpo que as crianças têm. As crianças e adolescentes que são portadores de alguma doença contagiosa não evitam em passá-la para frente, muito pelo contrário - ou procuram contaminar outros ou acham que não são portadores: ainda que vejam os exames; não conseguem estabelecer relação entre seu cotidiano e a doença. Essa postura de não conseguir mudar de atitude diante de um fato novo é comum e, muitas crianças e adolescentes somente tomam conhecimento quando estão grávidas, ou ainda, quando ganham a criança. A dificuldade de mudar de atitudes está relacionada com a impossibilidade de sobrevivência, caso se mude os esquemas no qual a criança ou adolescente está inserido. Muitas vezes, não consegue sobreviver numa outra condição, particularmente as que exigem cuidados.